



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LAYANE CATARINA PONTES

**O USO DO CORDEL NO ENSINO DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: VERSOS QUE FORMAM**

CAJAZEIRAS-PB
2019

LAYANE CATARINA PONTES

**O USO DO CORDEL NO ENSINO DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: VERSOS QUE FORMAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

Orientadora Professora Dra. Aparecida Carneiro Pires

CAJAZEIRAS-PB
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

P814u Pontes, Layane Catarina.
O uso do cordel no ensino de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental: versos que formam / Layane Catarina Pontes. - Cajazeiras, 2019.
88f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa.Dra. Aparecida Carneiro Pires.
Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) UFCG/CFP, 2019.

1. Literatura de cordel. 2. Ensino de gênero. 3. Ensino fundamental - anos iniciais. 4. Processo de ensino aprendizagem - cordel. I. Pires, Aparecida Carneiro. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

LAYANE CATARINA PONTES

**O USO DO CORDEL NO ENSINO DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: VERSOS QUE FORMAM**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado ao curso de Pedagogia,
da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação
de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do
título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 19 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Aparecida Carneiro Pires

Orientadora – Professora Dra. Aparecida Carneiro Pires – UFCG/UAE

Viviane Guidotti Faria

Examinador(a) 1 – Professora Dra. Viviane Guidotti – UFCG/UAE

Débia Suênia da Silva Sousa

Examinador(a) 2 – Professora Dra. Débia Suênia da Silva Sousa – UFCG/UAE

Nozângela Maria Rolim Dantas

Examinador(a) suplente – Nozângela Maria Rolim Dantas – UFCG/UAE

DEDICO

Á meus pais **Luiz Ferreira Pontes e Avanir Alves Catarina Pontes**.
Por acreditarem, amarem, cuidarem e investirem em mim e pelo apoio incondicional nas horas mais difíceis. E a todos os poetas do nosso sertão nordestino, em especial nossas poetisas mulheres, que lutam pela valorização da literatura de cordel e a todos os educadores, resistentes aos cortes e opressões do desgoverno, que vêm na educação a esperança de um Brasil melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e esperança que me concede diariamente ao longo desta caminhada.

Agradeço a meus pais, Avanir Alves Catarina Pontes e Luiz Ferreira Pontes, em especial a minha mãe por ter dedicado 8 anos de sua vida para me levar todos os dias a escola, andando 6 km diariamente para que eu pudesse ter uma educação de qualidade, e a meu pai por sua fé e esperança, apoio e incentivo creditados a mim.

Aos meus amigos da residência universitária da UFCG, Aderlândia, Adriana, Ana Maria, Marleide, Raquel, Thais, Cleiton, Manoel, Itamar, Marcelo e Manoel, que me acolheram e me ajudaram nessa longa e árdua caminhada.

Às minhas melhores amigas: Anglidemongan, Ângela e Camila, que foram meu apoio, meu incentivo e meus exemplos, que acreditaram em mim e não permitiram que eu fraquejasse, mostrando o verdadeiro valor de uma amizade.

À Cláudia da Xerox universitária, pelo ótimo atendimento, cuidado, respeito e carinho para comigo.

À Dona Neném, que cuida da residência feminina, por seu carinho e cuidado para comigo.

Ao meu exemplo de força e perseverança, Damião Alves, pelo apoio incondicional, por acreditar na minha capacidade, por me acompanhar durante todo este processo.

À Alisson Batista, pelo incentivo durante toda minha vida acadêmica, e pelo companheirismo nos momentos difíceis.

Às minhas colegas de turma, Lidia, Luana e Cleysiele que tanto me ajudaram no início desta caminhada;

À professora Viviane Guidotti, pelo apoio acadêmico, moral e emocional, pelo ser humano lindo e competente que és;

À professora Débia Suênia, pelo incentivo ao uso do cordel em sala de aula, durante o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no qual me apoiou e contribuiu para a escolha desta temática;

À professora Kássia Mota, por me guiar no início desta pesquisa;

À professora Ivalda, da unidade acadêmica de geografia, por ter me inspirado a realizar este estudo, e por acreditar em mim, pelo seu carinho e atenção;

À minha querida orientadora, professora Aparecida Carneiro, pelas orientações fundamentais para a realização deste estudo, pelo carinho e atenção;

Á todo corpo docente da UAE, por contribuir com minha formação acadêmica;
E a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a concretização deste sonho.

Como disse Paulo Freire
um homem muito sábio
educação e cultura
Dão a vida mais sentido
E educar é libertar
De uma vez o oprimido.
Acopiara, (2003, p.09)

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar como a literatura de cordel pode ser utilizada no ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio de um estudo realizado em salas de 2º e 5º ano da E.E.E.F Coronel Joaquim Matos em Cajazeiras – PB. Resvalamos-nos, nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), especificamente seu fascículo para a Língua Portuguesa (1997) e seus temas transversais (2000) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2017) para embasar a proposta do ensino de gênero através do cordel. Esta investigação se caracteriza como uma pesquisa-ação na qual seus dados foram colhidos através da elaboração e realização de propostas de oficinas que utilizaram o cordel como meio mediador das discussões de gênero em duas salas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 2º e 5º ano. Com a realização deste estudo pudemos averiguar a relevância do uso do cordel em sala de aula, considerando suas contribuições para a alfabetização dos(as) discentes, quando constatamos que o cordel incentivou a leitura dos alunos e contribuiu na interpretação de textos lidos por eles, analisamos também o auxílio na construção da identidade cultural e na inserção das discussões de gênero ao ensino, quando notamos que com a leitura e interpretação dos cordéis, os discentes mostraram que ressignificaram seu pensamento sobre o gênero, observando assim que o cordel tem um papel intermediador de reflexão, como foi averiguado nas oficinas, nas quais, os(as) estudantes apresentaram, pensar e dar um novo significado á suas opiniões a respeito do gênero, legitimando assim, o valor formativo do cordel.

Palavras-chave: Cordel. Ensino de Gênero. Ensino Fundamental. Processo de Ensino Aprendizagem.

ABSTRACT

The present research aims to analyze how the cordel literature can be used in the teaching of gender in the initial years of Elementary School, through a study carried out in 2th and 5th grade rooms of Coronel Joaquim Matos School, in Cajazeiras - PB. To support our proposal of gender teaching through cordel, we use the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), specifically its specification for the Portuguese Language (1997) and its cross-cutting themes (2000) and the Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). This research is characterized as an action research in which its data were collected through the elaboration and realization of proposals of workshops that used the cordel as a mediator of the gender discussions in two rooms of the initial years of Elementary School, 2nd and 5th year. With the accomplishment of this study we were able to realize the relevance of the use of cordel in class, considering its contributions to the literacy of the students, when we found that the cordel encouraged the reading and contributed in the interpretation of texts read by them, we also analyze the aid in the construction of cultural identity and the insertion of gender discussions in teaching, when we noticed that with the reading and interpretation of the cordéis, the students showed that they resignificated their thinking about the genre, thus observing that the cordel has a mediating role of reflection, as was verified in the workshops, in which the students presented, thought and gave a new meaning to their opinions about gender, thus legitimizing the formative value of the cordel.

Keywords: Cordel. Gender teaching. Elementary School. Processo Teaching/Learning.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------|---|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CFP | Centro de Formação de Professores |
| IEB | Instituto de Estudos Brasileiros |
| IPHAN | Instituto de Patrimônio Cultural e Artístico Nacional |
| PIBID | Programa de Bolsas de Iniciação á Docência |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PNE | Plano Nacional da Educação |
| TCLE | Termo de consentimento livre e esclarecido |
| UAE | Unidade Acadêmica de Educação |
| UFCG | Universidade Federal de Campina Grande |
| USP | Universidade de São Paulo |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|----|
| Figura 1: | Crianças em roda para leitura de cordel..... | 59 |
| Figura 2: | Aluno produzindo isogravura..... | 65 |
| Figura 3: | Isogravura produzida pelos(as) Discentes..... | 65 |
| Figura 4: | Folhetos de cordéis do autor Leandro Gomes de Barro..... | 67 |
| Figura 5: | Folhetos de cordel da Autora Salete Maria da Silva | 67 |
| Figura 6: | Cordel sobre o respeito produzido por um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental..... | 72 |
| Figura 7: | Cordel sobre o respeito às diferenças produzido por um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental..... | 72 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2. | UMA ALIANÇA OUSADA: LITERATURA DE CORDEL E O ENSINO DE GÊNERO DE FORMA CONCEITUADA..... | 20 |
| 2.1 | E pra início de conversa, na educação, em que o cordel lhe interessa?..... | 20 |
| 2.2 | Gênero e Cordel e sua possível união, uma aliança útil a educação..... | 24 |
| 2.3 | Quem não viu vai ver, criança através do cordel aprender..... | 28 |
| 3. | O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL E DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANÁLISE DAS PROPOSTAS CURRICULARES PRA ENRIQUECER ESSE REFERENCIAL..... | 33 |
| 3.1 | O Processo de Alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma breve abordagem do essencial..... | 33 |
| 3.2 | Os PCNs e a BNCC, e o uso do cordel na educação? cadê?..... | 36 |
| 3.2.1 | A BNCC e a literatura de cordel, como gira esse carrossel?..... | 38 |
| 3.3 | O ensino de Gênero nos PCNs e na BNCC, a verdade que você precisa saber | 40 |
| 4 | CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA, DETALHADOS PELA POETIZA..... | 45 |
| 4.1 | Procedimentos Metodológicos..... | 45 |
| 4.2 | Método de Coleta de Dados..... | 47 |
| 4.3 | Análise de Dados..... | 48 |
| 4.4 | Procedimentos Éticos da Pesquisa | 48 |
| 5. | AGORA QUE VIMOS A TEORIA, E NA PRÁTICA, COMO SERIA?..... | 50 |
| 5.1 | Vamos as oficinas descrever, propondo como o uso do cordel no ensino de gênero pode ocorrer..... | 50 |
| 5.2 | Atenção, tem cordel no 2º ano, é hora de analisar a intervenção..... | 58 |

| | | |
|------------|--|-----------|
| 5.3 | Pois muito bem, teve cordel no 5º ano e vamos analisar também..... | 66 |
| 6. | CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO QUE SE ENCERRA AQUI SURGIRÁ MUITO MAIS..... | 73 |
| | REFERÊNCIAS..... | 76 |
| | APÊNDICES..... | 80 |
| | Apêndice 1 – Cordel autoral: Dona Fadinha e Seu Duende..... | 81 |
| | apêndice 2 – Cordel autoral: Seu Respeitar..... | 83 |
| | ANEXOS..... | 85 |
| | Anexo 1 – Reportagem do IPHAN: Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro..... | 86 |
| | Anexo 2 – Termo de Anuência..... | 88 |

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o uso do cordel em práticas pedagógicas como auxílio para o ensino de gênero, dentre outros temas (Violência, sexualidade etc), tendo como delimitação o ensino de gênero com o uso do cordel em salas dos anos iniciais do Ensino Fundamental numa escola estadual de Cajazeiras – PB. Inicialmente, a gênese do interesse pela referida temática ocorreu pelo fato da pesquisadora ter o contato diário com o pai que “versava” em vários momentos do dia, mesmo não sendo alfabetizado. A admiração por esta arte fez com que a pesquisadora procurasse a aprender as técnicas da rima e começasse a produzir seus próprios cordéis. Para traduzir o desejo pela pesquisa relacionando o uso do cordel na educação, foram elaborados versos que delineassem o impulso pela temática. Assim, surgiu o Cordel a vista: A pesquisadora que um dia quis ser Cordelista¹:

Cordel é coisa bonita de se escutar
É cultura, é riqueza popular
Imagine ai, com cordel estudar
Uma coisa tão boa que dá gosto de falar.

Eu, uma moça um tanto atrevida
Vi no cordel uma forma de me expressar
Logo ele que teve presente em toda minha vida
Achei merecido lhe pesquisar.

Quando pequena, correndo no terreiro,
Via meu pai e seus compadres,
Sentados ali, no maior converseiro,
Contando a história de um padre.

Curiosa do jeito que sou,
Escutava que o queixo caia,
Era a história de padre Cícero que queria ser doutor
As palavras se combinavam, era uma verdadeira cantoria.

Cresci e aprendi a rimar também
Escrevia poema de amor
Na escola não tinha pra ninguém,
Tinha virado poeta a filha de sinhô.

Até que um dia, uma fulana apareceu,
Escudou desconfiada o que eu tinha recitado,

¹ Cordel produzido pela pesquisadora deste estudo durante a disciplina de Projeto de Pesquisa I como intuito de ilustrar a origem de sua vontade em pesquisar neste campo de conhecimento.

Falou que cordel era coisa de homem, e isso me doeu,
Foram as últimas rimas que eu tinha mostrado.

Daí por diante o cordel ficou de lado
Até que na faculdade me revi inspirada
Passei por cima daquele mal falado
Então voltei, com tudo e animada.

Mais tarde, já no PIBID, fiz um projeto bem feito,
Usei o cordel para a alfabetização,
E o resultado, não teve outro jeito:
Tava ali, mais uma ferramenta da educação.

Acreditando no poder que o cordel tem,
Estou eu aqui, procurando pesquisar a sua função
Uma pesquisa ousada, porém...
Tem seu valor pra educação. (PONTES 2018)

Pensou-se no cordel como aliado ao ensino de gênero, após a pesquisadora na fase da escola básica, ao construir e recitar um cordel se deparou com o preconceito de gênero ao ouvir a seguinte afirmativa de sua professora: “Eu nunca vi uma menina fazendo cordel”, isto constrangeu e silenciou sua arte por alguns anos, até que já na universidade no curso de Pedagogia, no CFP (Centro de Formação de Professores) da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), na disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil II, ministrada pela Professora Luiza Marilac, na qual foi proposta uma atividade para a pesquisadora contar sua história de vida em que ela transformou em versos. A partir de então, ela pôde enxergar o poder do cordel, e decidiu que o utilizaria para discutir gênero em sala de aula, para mostrar o valor formativo do cordel, e contribuir com a inserção das necessárias discussões de gênero na escola, para que não aconteça o mesmo tipo de preconceito que a investigadora sofreu por ser mulher e produzir cordel. Deste modo, surgiu a seguinte problemática: Como a literatura de cordel pode contribuir com o ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Nesta perspectiva, o objetivo geral é: Analisar como a literatura de cordel pode ser utilizada no ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental da E.E.E.F Coronel Joaquim Matos, tendo como ponte os seguintes objetivos específicos:

- Investigar o ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental;
- Compreender as potencialidades da literatura de cordel como recurso pedagógico para os anos iniciais do Ensino Fundamental;

- Apresentar uma proposta pedagógica, por meio das oficinas, que insira a literatura de cordel como recurso didático potente de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A justificativa da escolha deste tema baseia-se pelo cordel contemporâneo, segundo Carmo (2016), ser uma prática cultural e social que problematiza questões que podem auxiliar diretamente na construção do conhecimento, além de ajudar no posicionamento do indivíduo com relação à sociedade, além de elemento cultural, também pode ser considerado como elemento intermediário entre a oralidade e a escrita e, por conseguinte é um modo de reflexão crítica de fatos sociais.

O cordel é um gênero literário típico do Nordeste do país, conforme Carmo (2016), ele é utilizado para mostrar a força e a luta do seu povo, assim como também para posicionar-se diante os problemas da sociedade, o cordel no Nordeste é visto por muitos como a fala do povo em forma de rimas, por isto, é válido destacar que esta pesquisa também busca resgatar esta cultura literária como manifestação das opiniões do povo através do cordel.

O tema pesquisado se faz importante no contexto atual da educação e da sociedade, porque de acordo com Carmo (2016) a literatura de cordel proporciona uma inter-relação com as diversidades, reconhecendo e valorizando as identidades a serem formadas com a articulação entre as diferenças dos grupos sociais. Gênero é um dos assuntos mais difundidos atualmente, e é uma das temáticas abordadas pelos poetas contemporâneos (Ex: Salete Maria da Silva², Bráulio Bessa³) em seus cordéis que podem ser levados para sala de aula.

Vale ressaltar a relevância de se abordar gênero na escola como nos propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) em seus temas transversais (2000) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), pois sabemos que na sociedade em que vivemos, ainda há uma disparidade considerável entre homens e mulheres quando nos referimos às relações sociais, isto se dá pelo fato de vivermos sob influência de um sistema patriarcal, e sendo a escola um espaço para oportunizar a reflexão crítica de seus sujeitos, esta tem o dever de promover discussões a respeito das diferenças de todos que convivem em sociedade para

² Advogada, veterana defensora dos Direitos Humanos na região do Cariri, pioneira na batalha contra a violência e a opressão que se abatem sobre a mulher. Silva (2001, p.01).

³ Nasceu em Alto Santo, interior do Ceará. Aos 14 anos descobriu a poesia popular, com Patativa do Assaré, e inspirado por ele, começou a escrever seus próprios poemas. Em 2011 criou a página Nação Nordestina, que em pouco tempo se tornou um fenômeno de popularidade. Com isso, passou a ser conhecido como “embaixador da cultura nordestina na internet”, o que o levou ao programa de Fátima Bernardes em 2015. Pouco tempo depois, começou a declamar seus poemas na TV e, hoje em dia, tem um quadro fixo no programa. Disponível em: <http://www.esextante.com.br/autores/braulio-bessa> acesso em: 16 Maio 2019

assim estabelecer relações de respeito, combatendo o preconceito, um dos principais problemas enfrentados pela escola em dias atuais.

Considerando a literatura de cordel como uma prática eficaz para a educação, sendo esta uma forma geradora de conhecimento, e intermediadora de discussões necessárias para a construção da identidade do aluno, e observando a ineficácia e a ainda resistência ao ensino de gênero, fez-se necessário uma investigação a fim de estudar como a literatura de cordel pode viabilizar este ensino, facilitando a discussão e compreensão dos (as) alunos (as).

Esta pesquisa é de natureza básica, de cunho qualitativo, sendo uma pesquisa-ação na qual se investiga uma realidade (o ensino de gênero) e propõe uma alternativa (o uso do cordel na inserção deste ensino nas salas de aula) interferindo-a diretamente. Como método de coleta de dados, optamos por propostas de oficinas que foram efetivadas para delinear os dados que aqui são analisados.

O estudo desenvolvido ocorreu numa escola estadual da rede pública da cidade de Cajazeiras, no sertão da Paraíba, em salas de 2º e 5º ano do Ensino Fundamental I a fim de experimentarmos a aplicabilidade do cordel na intermediação das discussões de gênero nos diferentes níveis do Ensino Fundamental I. Para isto realizou-se previamente, um estudo sobre a literatura de cordel, investigando a prática vivenciada em sala de aula, para então compreender o uso da literatura de cordel no estudo do gênero através de oficinas aplicadas em sala de aula.

Deste modo, a presente pesquisa está seqüenciada da seguinte forma: Capítulo introdutório explanando os objetivos aos quais buscamos alcançar, segundo capítulo direcionado ao referencial teórico ao qual a idéia inicial (o uso do cordel no ensino das discussões de gênero) é confrontada com a idéia de alguns autores (Barros (2014); Carmo (2016); Marinho e Pinheiro, (2012); Silva (2010); Viana (2010), bem como a análise de documentos curriculares nacionais (PCNs e BNCC) propositivos a discussão de gênero e do ensino através da literatura de cordel, exposto no terceiro capítulo.

Por conseguinte, o quarto capítulo contém o detalhamento da metodologia, explicando todo percurso metodológico ao qual se percorreu, destacando o tipo deste estudo como sendo uma pesquisa-ação (RICHARDSON, 2017), pois durante o processo de investigação teórica do tema constatou-se que somente propor uma metodologia com o uso do cordel no ensino de gênero, não atenderia aos objetivos da pesquisa, por isto que além de propor, aplicamos essa proposta para experimentarmos a aplicabilidade do cordel como metodologia do ensino de gênero.

Logo após, no quinto capítulo temos a análise dos dados que surgiram a partir das oficinas realizadas, dados estes que nos revelaram que o cordel possui atrativos aos (as) discentes (Sua linguagem, xilogravuras), que os fazem interagir com as histórias contadas pelos cordéis, o que facilita a interpretação e reflexão dos seus temas abordados, isto foi constatado após o trabalho com cordéis autorais, dos quais os alunos puderam se questionar e repensar seu posicionamento diante algumas discussões de gênero (papel da menina e do menino, cores brincadeiras).

A seguir, damos início a nossa discussão teórica, partindo da explanação do que é cordel e como ele pode contribuir com o ensino e principalmente com as discussões de gênero, segundo alguns teóricos.

2. UMA ALIANÇA OUSADA: LITERATURA DE CORDEL E O ENSINO DE GÊNERO DE FORMA CONCEITUADA

A literatura de cordel, muito comum na região Nordeste do Brasil, por muito tempo tem sido manifestação cultural do seu povo. De acordo com Carmo (2016), são folhetos vendidos em feiras culturais, o cordel conta histórias do sertão nordestino, a luta do seu povo, seus costumes e suas crenças, sendo um bem cultural rico em história, em que se deu voz não só ao povo nordestino, mas aos brasileiros.

Sendo esta uma literatura rica em conhecimentos fundamentais para a formação de cidadãos, considerando que os poetas contemporâneos vêm inserindo aos temas de cordéis, discussões fundamentais a sociedade atual, tais como: religião, gênero e sexualidade, é válido que esta ganhe espaço nas escolas como mais um meio para a educação, como nos diz Marinho e Pinheiro, (2012, p. 12). “Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, no nível fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística.”

Nesta perspectiva, dado o valor formativo do cordel, Carmo (2016), pensamos que este possa vir contribuir com as discussões de gênero em sala de aula, pois é fato que ainda é um desafio levar para a sala de aula tal tipo de discussão, principalmente quando há uma resistência considerável por parte da sociedade a esse tipo de ensino dentro das escolas, inclusive dos próprios professores, assim, trabalhar estas discussões através do cordel é aliar a necessidade de discutir gênero para a formação dos(as) alunos(as) a necessidade de construir e reconhecer sua identidade cultural.

Nesta concepção, será discutida neste capítulo, a literatura de cordel como mediação pedagógica, aliando esta literatura ao ensino de gênero, destacando suas possíveis contribuições, como poderemos averiguar nos tópicos a seguir.

2.1 E pra início de conversa, na educação, em que o cordel lhe interessa?

Com a adesão do sistema educacional a reprodução da cultura dominante, a cultura popular se distanciou consideravelmente do cenário educacional como nos afirma Carmo (2016), o cordel como parte desta cultura se tornou um elemento meramente cultural, pouco explorado, o que fez com que seu caráter gerador de conhecimento fosse praticamente, esquecido.

Deste modo, ainda em concordância com Carmo (2016), a valorização das culturas institucionalizadas, que priorizam um currículo voltado exclusivamente para a formação para o mercado de trabalho, não condizem com as necessidades da sociedade moderna, a sociedade da busca pelo saber, do empoderamento e reafirmação das suas raízes, por isto acredita-se ser necessário uma ruptura com a predominância de tais culturas para a inserção de novas metodologias que contemple práticas que visem à formação de sujeitos em seu conjunto de valores político, humano e social.

Vale ressaltar, a definição de cultura, que de acordo com Silva (2010, p. 65), “pode ser definida como tudo aquilo que é produzido pelo homem, o que engloba desde o pensamento até a ação. Ou seja, a cultura abrange a produção material (objetos) e a produção imaterial (ideias) do ser humano”. Logo, é necessário que através da educação os sujeitos tenham acesso a cultura para sentirem-se pertencentes a ela, pois ela tem um papel insigne em sua formação, sendo ela parte daquilo que eles são, fazem e convivem.

Sendo assim, o cordel é considerado uma criação cultural, vindo a ser incisivo na aprendizagem dos(as) alunos(as), contribuindo com a leitura, a escrita, com a apropriação cultural, e auxiliando também na reflexão crítica de assuntos recorrentes na sociedade, como as discussões sobre gênero.

Em vista disso, destacamos que a literatura de cordel em seu contexto histórico consiste em versos rimados que muitas vezes retratam a realidade da região nordeste e da sociedade em geral, segundo Silva (2010, p. 67)

A literatura de cordel consiste numa poesia narrativa de caráter popular, que dissemina as raízes e a cultura nordestina e, ao mesmo tempo, retrata a ficção e a realidade dessa região. Inicialmente, essa arte poética era realizada apenas oralmente. Após alguns anos, ela passou a ser concebida de forma escrita ou impressa em folhetos, por meio de versos rimados.

Desse modo, traçando seu percurso histórico, de acordo com a academia brasileira de literatura de cordel, o cordel já existia desde a época dos povos greco-romanos, fenícios, cartagineses e etc. fala-se que este tenha chegado à península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI, ficando conhecidos na Espanha por *pieglos sueltos* e folhas soltas em Portugal.

Ainda segundo consta no site da academia brasileira de literatura de cordel, foram os nossos colonizadores portugueses que trouxeram a cultura do cordel para o país, inicialmente instalado na Bahia na primeira capital do Brasil, Salvador, de onde espalhou-se pelo nordeste sendo reconhecido posteriormente como poesia popular.

Segundo Barros (2014), inicialmente, o cordel era considerado como um tipo de literatura feita pelo povo e para o povo, com o passar dos anos foi surgindo novas temáticas que consistiam nos estados atuais da sociedade, com isso, sua aceitação foi somada pelas massas, abrangendo-o para centros urbanos e universitários, uma vez que de início ele se concentrava no meio rural.

Neste raciocínio, a literatura de cordel tornou-se um meio de propagação de ideias, ganhou novos campos, principalmente na educação, onde ganhou espaço não somente como método lúdico, mas também como método de ensino, como Viana (2010) destacou, a literatura de cordel foi algum dia conhecida como “professor folheto”, porque houve uma época no Brasil em que os folhetos de cordel substituíam os livros no processo de alfabetização, o que nos revela a sua importância como subsídio para educação.

Ademais, a literatura de cordel permeia entre saberes que podem ser articulados com as práticas pedagógicas de forma que o ensino tradicional ceda espaço para novas práticas, refletindo-as e assumindo sua importância para a real formação do aluno, principalmente no Ensino Fundamental, sendo que nesta etapa, conceitos estão sendo formados e os(as) alunos(as) estão em busca da compreensão aprofundada do mundo e daquilo que nele existe.

Nesta perspectiva, tendo como base os pensamentos freirianos⁴, aos quais defendem que a educação deve ser pensada como prática da liberdade, acredita-se que a literatura de cordel pode ser utilizada como estratégia pedagógica para mediar aos(as) alunos(as) de forma contextualizada assuntos necessários a sua formação humana, uma vez que em muitos dos títulos contemporâneos aborda-se: racismo, diferenças sociais, gênero, sexualidade e assim por diante.

Aportando nos preceitos de Freire (2011, p.11), cremos que desenvolvendo atividades com cordéis podemos garantir uma educação:

Que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que o adverte dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhem a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio eu, submetido às prescrições alheias. Educação que o coloque em diálogo constante com o outro.

A literatura de cordel propõe um diálogo direto com o outro, por ser uma forma de expressão popular, ela aproxima o leitor aos temas por ela abordados, de maneira leve e em muitas das vezes descontraída, desmistifica temas que ainda são tidos como tabu em sala de

⁴ Pensamentos de Paulo Freire, Educador, Pedagogo e Filósofo brasileiro, um dos maiores pensadores da pedagogia e influenciadores da pedagogia crítica. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n3/v25n3a03.pdf> Acesso em: 27 de Fev. 2019.

aula, fazendo desta literatura, uma maneira competente de empoderamento social, política e humana da educação.

Desta forma, o cordel poderia ser utilizado no ensino como recurso para uma educação que traga para os(as) alunos(as) subsídios que os auxiliem na compreensão de um mundo em que eles sintam-se pertencentes a algum lugar, construindo assim suas identidades, sendo um cidadão capaz de se expressar de maneira livre, clara e crítica. Assim, Silva (2010 p. 74-75) vem complementar nos afirmando que:

[...] a escola precisa abrir espaço para as mais diversas culturas. Atrelado a essa questão, estamos inseridos na era da informação e do conhecimento, a sociedade não permite mais leituras que ocasionem uma única interpretação, como também leitores de livros, apenas. Sendo assim, é necessário que o aluno seja capaz de refletir sobre diversos ângulos e, conseqüentemente, compreender múltiplas linguagens.

Neste ponto de vista, o cordel como uma linguagem alternativa, Carmo (2016), porém rica em informações relevantes para a formação dos (as) alunos (as), merece a devida consideração em sala de aula, sendo uma forma de romper com o denso sistema escolar possibilitando com que os sujeitos dessa educação sintam-se inserido na sociedade, entendendo o que é ser um cidadão real. Sousa (2002, p. 310), notifica assim que:

Quando a escola recusa e silencia as diversidades sócio-culturais localizadas, a pretexto de uma formação de cidadãos formalmente homogêneos face ao estado, está a contribuir para a permanência das clivagens sociais através de forma de discriminação e exclusão, de criação de desigualdades sociais.

Observamos então, que uma das maiores dificuldades da educação, é varar com o ensino tradicional⁵ ou mesmo conciliar novas práticas às tradicionais, deste jeito, o uso da literatura de cordel para fins da formação crítica dos(as) alunos(as) pode ser entendido como uma forma de transpor esse tradicionalismo, pois através dele o(a) aluno(a) sendo alvo desta educação, fará uma leitura significativa, podendo refletir e discutir criticamente sobre o estudado, ressignificando sua compreensão do mundo legítimo.

Portanto, destacamos aqui, o poder intermediador de conhecimento da literatura de cordel, acreditando no seu uso aplicado em sala de aula, pensando em seu uso no ensino de gênero, presentes no contexto escolar contemporâneo que ainda encontra muitas barreiras para serem discutidas dentro dos muros da escola. Ademais, foi observando o falho ensino de gênero, e no surgimento de títulos de cordéis tratando deste tema, que se pensou na

⁵ Entendemos o ensino tradicional sendo quando [...] O professor assume, assim, a condição de modelo e referência para seus alunos, que na categoria de aprendizes precisam imitar seu mestre para aprender (SCHMITZ, 2006, p. 78).

conciliação entre ambos para o aprimoramento deste ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Além disso, a literatura de cordel vem mostrando sua relevância para a sociedade brasileira. Segundo consta numa matéria publicada no portal do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), (Anexo 1), no dia 19 de setembro de 2018, na qual revela que a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, esse reconhecimento possui uma representatividade imensurável para a literatura de cordel, como expõe a professora da Universidade Federal de Campina Grande Rosilene Alves de Melo, pós doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), a qual recentemente tornou-se a primeira mulher a assumir uma cadeira na academia brasileira de literatura de cordel.

De acordo com Melo (2019, p. 246)

O registro da literatura de cordel como patrimônio cultural possui pelo menos três significados. Do ponto de vista simbólico representa o reconhecimento pelo Estado de uma prática cultural que já tinha sido reconhecida no Brasil havia mais de um século por diversos grupos: poetas, comunidades de leitores e movimentos intelectuais. Por outro lado, possui um significado político, uma vez que de agora em diante essa forma de expressão e seus agentes adquirem maior possibilidade de ocupar outras posições na gestão das políticas culturais que permitam a salvaguarda do cordel e a democratização do acesso a esse bem pelos cidadãos. Uma terceira dimensão se refere aos desdobramentos da tutela do Estado e os usos dessa arte na formulação de construções identitárias decorrentes de sua patrimonialização.

O reconhecimento da literatura de cordel traz a tona o fato de que esta cultura, finalmente passou a ser valorizada pelo Estado, mas reitera-se que há muito tempo esta tradição já vinha sendo valorizada por seus poetas e alguns intelectuais. Porém, esta literatura agora possui um título de Patrimônio Cultural Imaterial, abrangendo seu campo de atuação levando a sociedade a conhecer esta rica história e a valorizá-la como parte do cotidiano do brasileiro,(MELO, 2019).

Desta forma, para aprofundarmos a discussão, no próximo tópico abordaremos o ensino de gênero e como a literatura de cordel pode, ajudá-lo, atentando para o próprio cordel como manifestação por muito tempo da predominância do homem na sociedade, logo mostraremos as mudanças que vem ocorrendo neste cenário e como isso pode ser debatido em sala de aula contribuindo para a formação dos(as) alunos(as).

2.2 Gênero e Cordel e sua possível união, uma aliança útil a educação

Para iniciar a discussão teórica, é válido ressaltarmos o conceito de gênero em conformidade com Almeida (2016 p. 08) que elucida diversas concepções de gênero, afirmando que:

O conceito de gênero socialmente definido se dá na diferenciação entre masculino e feminino, biologicamente segue-se o mesmo padrão, o gênero é definido pela anatomia com que fomos concebidos. Gênero enquanto questão de identidade se trata daquilo com o qual o indivíduo se sente enquadrado, com o que mais se identifica e o faz sentir-se bem.

Nesta perspectiva, pode-se averiguar que o conceito de gênero está ligado não só as questões biológicas, mas também com questões sociais e de identidade, quando nos apegamos somente a diferenciações biológicas, vemos as características masculinas (tidos como fortes e resistentes) se sobressaindo às características femininas (tidas como fracas e frágeis), o que dá início a ideia de submissão da mulher ao homem por este simples fato.

Na literatura de cordel, ao longo do tempo, não foi diferente, pois é possível encontrarmos títulos antigos ressaltando a figura do homem, em alguns deles, conteúdos machistas que colocam a figura da mulher como o ser submisso, porém astuto e sedutor, somente com a luta de movimentos sociais ao longo dos anos, segundo Barros (2014), a mulher foi conquistando aos poucos seu lugar na sociedade e com isso também ganharam espaço na literatura de cordel, vindo a surgir às primeiras poetisas mulheres na década de 80.

Deste modo, ainda de acordo com Barros (2014), podemos averiguar que a literatura de cordel acompanhou de maneira direta e indireta a fase de opressão, libertação e emancipação da mulher, seja ela por meio de folhetos contando a trajetória da mulher, nos quais as próprias mulheres denunciam em seus cordéis as suas condições de submissão e sua libertação, ou pela sua própria história (a história da literatura de cordel) a qual demonstra a exclusão das mulheres deste meio por muito tempo e pelos conteúdos machistas encontrados em muitos cordéis.

Vale ressaltar que a trajetória da mulher foi marcada pela insistente tentativa de normatização de seu corpo e seus costumes, na qual a religião, mais especificamente a igreja católica (BARROS, 2014), desde os primórdios delimita as funções da mulher na sociedade, as quais poderiam se resumir em basicamente, na educação dos filhos e os afazeres domésticos, bem como a submissão total ao marido.

Visto isso, é fato que com tantas opressões sofridas, as mulheres sentiram a necessidade de reagir, resistir e se afirmar como sujeito de direitos, a manifestação através da literatura de cordel foi um meio encontrado para tal resistência, mostrando assim sua capacidade igual, ou melhor, de produzir folhetos sobre variados assuntos, desta forma, logo

foram expostos a sociedade, como diz Barros (2014), a partir da década de 90, folhetos produzidos por mulheres denunciando e explanando suas condições de vida.

Deste modo, Queiroz (2006, p. 59) ressalta que:

[...] Assim a escrita do cordel feminino é enriquecida com veios sociológicos, filosóficos, históricos que se unem a feições familiares e tradicionais, em total harmonia no texto poético. Orquestrados pela oralidade, os temas se organizam em torno de um discurso semântico que se expande na pluralidade dos assuntos e na fala coloquial e descontraída do povo, engendrando uma nova identidade que irrompe no mundo hegemônico masculino da literatura de cordel.

Deste ponto de vista, a sociedade mudou, e com isto o cenário do cordel ganhou novos protagonistas, as mulheres passaram a assumir-se escritoras de cordéis enriquecendo a literatura de cordel com novos temas pertinentes a desmistificação da sua imagem (os quais podem ser utilizados em sala de aula). De acordo com os estudos de Barros (2014), a produção de cordéis por mulheres é recente, existem poucas publicações anteriores ao ano de 1999, atualmente também ainda não há muita presença de mulheres entre produtores, autores e editores de cordel.

Obra típica do Nordeste do Brasil, o cordel produzido por mulheres teve apoio segundo Barros (2014) na cidade de Juazeiro do Norte no Estado do Ceará, no programa de rádio “coisas do meu sertão”, lançado na década de 1960, apresentado pelo radialista Elói Teles, que durante trinta anos cedeu espaço em seu programa para mulheres cordelistas como: Sebastiana Gomes⁶ e Rosimar Araújo⁷.

Partindo disto, com o aumento da atuação da mulher nesse campo literário, surgiram novas temáticas, em algumas obras fica nítida a opressão que estas sofreram e sofrem com o domínio masculino, elas passaram a falar em suas obras: da saúde da mulher, o espaço no mercado de trabalho, o meio ambiente e também a política, ou seja, o cordel também foi e é uma ferramenta de empoderamento da mulher brasileira.

Antes da inserção da mulher ao meio da literatura de cordel, as obras dominantes neste meio ressaltavam a figura do homem como herói segundo Barros (2014), destemido e por vezes perverso, explorava-se muito a figura do lampião e sua história às vezes tida como o destemido, “Robin hood do sertão”, e às vezes o bandido exterminador, ou seja, a figura do homem era tema central até então.

⁶ Sebastiana Gomes de Almeida, ou Bastinha, nasceu em Santo Amaro município de Assaré. Cordelista conterrânea de Patativa. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Popular da Universidade Regional do Cariri – URCA.

⁷ Doutora em Literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Assim, podemos confirmar tal argumento com um trecho retirado do cordel: Lampião, o Capitão do Cangaço do cordelista Silva (1983, p. 04), no qual engrandece a figura do lampião.

[...]
 Qual o homem mais famoso
 da nossa grande nação?
 Vargas não nos é estranho
 porém sem comparação
 internacionalmente
 é sem dúvida o Lampião.
 [...]

Logo, a ficção de forma implícita mostrava e mostra a realidade da disparidade entre os gêneros, em obras famosas da literatura de cordel podemos destacar como era retratada a imagem da mulher e suas condutas, como podemos observar no trecho do folheto: “A moça que dançou depois de morta” de Borges (1985, p. 01).

[...]
 As mocinhas de hoje em dia
 Vivem dentro da algazarra
 Andam quase todas nuas
 Só pensam em rock e farra
 Sai de casa às 7 horas
 Só volta ao quebrar da barra

 E se os pais reclamarem
 Elas dizem um palavrão
 Não vão a missa nem rezam
 Também não fazem oração
 Só namoram cabeludo
 Quem vive com um violão
 [...]

Nesta óptica, com a pouca atuação da mulher neste campo, as concepções machistas impregnaram por muito tempo os versos escritos nos folhetos levados ao povo conforme Barros (2014), o que fazia desta literatura forma intermediadora da cultura da submissão da mulher ao homem, no entanto, com a resistência da mulher e sua inserção neste meio, este gênero literário tornou-se espaço de discussão e defesa de seus direitos, a mulher ainda busca sua total conquista no meio da literatura de cordel, embora haja um crescimento considerável no número de cordelistas.

De acordo com Queiroz (2006), apesar das mulheres ainda serem minoria entre os autores de cordel, elas estão basicamente concentradas na região Nordeste, mais especificamente nas cidades de Campina Grande-PB e Juazeiro do Norte-CE, dentre estas se destacam: Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha) de Juazeiro do Norte-CE, e Salete Maria

da Silva (a qual utilizamos duas de suas obras), desta mesma cidade, que trabalha em seus folhetos temas políticos e os interesses das minorias.

Deste modo, pode-se dizer que a literatura de cordel também foi palco da ideia distorcida de gênero, o masculino se fez superior ao feminino, mas também foi e está sendo meio de ruptura com esses ideais machistas/patriarcais/heteronormativos⁸, e vem se caracterizando como instrumento poderoso na propagação de uma nova postura dos gêneros perante a sociedade. Por este fato, destacamos a necessidade de selecionar as obras e os autores que poderão trabalhar o gênero em sala de aula, para não cairmos na armadilha de reproduzir comportamentos machistas encontrados em obras antigas, devemos dar prioridade as temáticas e autores contemporâneos.

Nesta concepção, levantamos a seguinte questão: por que não levar os temas de cordéis contemporâneos para sala de aula, para que os(as) alunos(as) se apropriem das informações por eles intermediadas e assim refletir e manifestar sua crítica através delas, já que se fala tanto em formação crítica de cidadãos, a literatura de cordel não seria um meio para viabilizar este objetivo? Buscaremos estas respostas na discussão do tópico adiante.

2.3 Quem não viu vai ver, criança através do cordel aprender

Como ressaltado anteriormente, a literatura de cordel possui um poder reflexivo e crítico, características que podem ser utilizadas pela educação como ferramenta formativa dos seus(as) alunos(as), principalmente quando o assunto é referente às discussões de gênero que pouco é difundido em sala de aula.

Para compreendermos a importância de trabalhar o gênero em sala de aula, faremos um breve diálogo com a autora Scott (1995) que faz uma análise do gênero enquanto relações de poder. Para início de conversa, em seus estudos, Scott (1995, p. 86) define o conceito de gênero como: “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos.”.

O que precisamos destacar é: por que delimitar papéis tendo como base a diferença entre os gêneros, sejam elas físicas sociais ou culturais? E trazendo para nosso tema central, o uso do cordel no ensino de gênero, até onde essa delimitação de papéis pode vir a influenciar na educação das crianças? Será correto educá-las apresentando os variados papéis e posturas

⁸ A heteronormatividade normatiza os corpos e modos de ser e viver, só considera duas possibilidades de locação das pessoas quanto a anatomia sexual humana o feminino e o masculino, Meyer e Petry (2011)

do homem e da mulher impostos pela sociedade? Considerando a sociedade machista e sexista em que vivemos, podemos indicar que o caminho que a educação vem seguindo não rompe com essa realidade.

Scott (1995), em sua análise histórica sobre o gênero, aponta que por muito tempo a diferença entre os gêneros foi feita pelos aspectos físicos, o que configura as teorias do patriarcado, na qual a mulher era objeto sexual para fins de reprodução, e o homem o reprodutor. Ou seja, a sociedade desde sempre delimitou papel para homens e para mulheres.

Sob o mesmo ponto de vista, o mesmo autor, em sua análise das relações de gênero enquanto relação de poder ainda analisa as teorias vinculadas as tradições machistas, na qual ressalta as desigualdades entre os gêneros resultantes das diferenças econômicas, as quais a mulher era submetida a dominação e exploração pelo sexo oposto, vindo a se tornar e permanecer dona de casa, enquanto o homem mantinha ou mantém os custos da casa.

Ainda nas análises de Scott (1995), mais especificamente nas teorias baseadas das escolas psicanalíticas, a autora ressalta a restrição da relação homem e mulher ao âmbito familiar, a conquista da presença da mulher em espaços variados da sociedade é recente, até então dominados pela presença masculina, como o espaço de trabalho, através da luta e reconhecimento, as mulheres vem quebrando barreiras e ganhando seu merecido lugar na sociedade contemporânea.

Assim, desde os primórdios, a mulher é subjugada, e suas atividades são reduzidas a atividades domésticas, o que nos revela a cultura machista impregnada na sociedade, sobre isto, Rosaldo (1979, p. 33) nos fala que:

Somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressada e irrelevante aceitando como necessário natural e profundamente problemático o fato de que, em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem.

Neste ponto de vista, a delimitação de papéis de homens e mulheres se estende também para o meio da educação, como foi possível constatar através de práticas educativas realizadas no Estágio supervisionado na Educação Infantil, Cesário e Pontes (2017), em uma creche na rede pública da cidade de Ipaumirim – CE no ano de 2017, em que se presenciou a distinção dos gêneros sendo determinados por cores (azul para meninos, rosa para meninas), brinquedos (boneca para meninas, carrinho para meninos) e brincadeiras (dança para meninas, futebol para meninos), reforçando comportamentos e costumes tanto para meninas como para meninos, dando continuidade a cultura machista saturada às práticas da escola.

Seguindo este raciocínio, Louro (1999, p.56) elucida que:

Em muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas.

Desta forma, é preciso que a escola esteja atenta a estas diversidades e compromissada a transfixar algumas crenças no que se refere ao gênero considerando suas desigualdades, pois ainda nos dias de hoje vemos os impactos na sociedade dessa insuficiência no ensino de gênero na sociedade, os altos índices de feminicídio⁹, por exemplo, pode estar diretamente ligados a educação sexista, pois quando não há discussão e reflexão acerca deste assunto, ele se torna banal e é normalizado por estes homens que desconhecem os limites do respeito às diferenças.

Outrossim, na literatura de cordel contemporânea, encontramos alguns títulos que abordam de forma clara e sucinta a discussão do gênero dando enfoque à mulher como protagonistas na sociedade, assim como traz a poeta Salete Maria em suas obras: Mulheres de Juazeiro, Mulheres fazem, Cidadania-Nome de mulher, e em muitas outras mais.

De acordo com Carmo (2016, p. 48) o cordel pode se tornar:

[...] uma ferramenta educativa quando este destaca as funções socioculturais nos folhetos, articulando o saber do povo, as manifestações exercidas pelas novas gerações que constroem novos significados ao edificar suas identidades, conhecendo aspectos históricos do lugar em que vivem, entendendo as diferentes realidades e as peculiaridades do povo.

Em concordância, a literatura de cordel possibilita assim, o debate de questões presente na sociedade, e o gênero é uma categoria fortemente abordada pelos folhetos¹⁰ de maneira lúdica e também circunspecta. Então, por que não trabalhar com estes folhetos em sala de aula para discutir assuntos pertinentes a formação cidadã e também pessoal dos(as)

⁹ O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas pra os Direitos Humanos (ACNUDH). O país só perde para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia em número de casos de assassinato de mulheres. Em comparação com países desenvolvidos, aqui se mata 48 vezes mais mulheres que o Reino Unido, 24 vezes mais que a Dinamarca e 16 vezes mais que o Japão ou Escócia. O Mapa da Violência do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) mostra que o número de mulheres assassinadas aumentou no Brasil. Entre 2003 e 2013, passou de 3.937 casos para 4.762 morte. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>, Acesso em: 14 Maio 2019.

¹⁰ Os folhetos de Cordel, nessa perspectiva são o retrato da realidade nordestina, discutindo desde a cultura local, costumes religiosos, pensamentos políticos, opiniões econômicas [...] Carmo (2016, p.17)

alunos(as)? E como os cordéis podem mediar estes conhecimentos? Carmo (2016, p. 54) nos oferece uma boa justificativa ao afirmar que:

A Literatura de Cordel oferece contribuições para o meio educacional quando esta disponibiliza para o aluno uma visão sobre o mundo plural, e propõe a este questionamento sobre sua posição e status social em relação ao contexto que vivencia e em posição a outros, fazendo com que o discente encontre nessas produções textuais vozes que estimulem sua formação moral, econômica, política e sócio-cultural.

Similarmente, utilizar o cordel como estratégia para o ensino de gênero, pode auxiliar tanto no posicionamento e pertencimento cultural, quanto na reflexão crítica das discussões de gênero tão altercadas na sociedade, este pode vir a ser um meio de transpor a educação reprodutora de velhas ideologias.

Ademais, o cordel leva a refletir sobre os papéis anunciados a cada gênero na sociedade ao longo de sua trajetória, uma vez que possui em suas obras marcas do tempo possíveis de análise e discussão. E não menos importante, seu valor lúdico é considerado por muitos educadores Carmo (2016) uma forma de inovar em suas práticas a fim de proporcionar um ensino reflexivo aos seus(as) alunos(as).

Além disso, são múltiplas as possibilidades do uso do cordel em sala de aula, além da sua leitura e interpretação, pode-se fazer também a análise das xilogravuras que estampam as capas dos cordéis e retrata visualmente o seu conteúdo, com essa análise outros questionamentos podem surgir enriquecendo o debate e fomentando a compreensão dos(as) discentes.

Integrante a esta afirmação, Carmo (2016, p. 30) diz que a xilogravura:¹¹ “[...] é uma herança do imaginário popular nordestino, pois este ilustra a crítica social, a opinião política e a divulgação dos acontecimentos cotidianos, ganhando também importância educativa. Sua função é a de ser reproduzida várias vezes, como se fosse um carimbo.”

Nesta óptica, a literatura de cordel pode contribuir com a educação tanto com seus versos quanto com suas xilogravuras, no caso do ensino de gênero seria interessante um levantamento de obras escritas por homens e mulheres para a análise de seus conteúdos, e então oportunizar aos(as) alunos(as) a reflexão dos papéis impostos pela sociedade para homens e mulheres.

¹¹ Na década de 40(...), surgiu uma técnica de ilustração, que através da utilização de ferramentas (canivete, faca, tesoura, estilete, adaga), entalham a madeira, chamada de Xilogravura. Tal expressão passa a refletir ideologias nordestinas através de símbolos visuais. Carmo (2016, p.30)

No mesmo sentido, podemos afirmar afirmando que a literatura vem sendo palco das mudanças de pensamento com relação às discussões de gênero, mudanças estas que devem ser levadas a educação, e a literatura de cordel é um meio para isto, com o que foi levantado e discutido a literatura de cordel pode ser um meio determinante para o debate de gênero na educação.

No próximo capítulo, aportaremos esta pesquisa aos documentos curriculares da educação, os PCNs (1997) e a BNCC (2017), procurando lacunas em que podemos justificar e defender o uso do cordel em sala de aula, sendo ele utilizado como um aliado a inserção das discussões de gênero, bem como a análise dos espaços oferecidos nestes documentos a este ensino.

3. O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL E DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANÁLISE DAS PROPOSTAS CURRICULARES PRA ENRIQUECER ESSE REFERENCIAL

A produção popular, por muito tempo foi vista com desinteresse pelo meio acadêmico, em decorrência disso a escola incorporou este preconceito a suas práticas deixando esta produção sem visibilidade em seu espaço, reforçando a idéia de inutilidade da produção popular para o uso em práticas pedagógicas.

Obstante a isto, os pesquisadores Lúcio e Pinheiro (2001), pesquisaram o poder e utilidade do cordel em práticas pedagógicas defendendo-o como um poderoso instrumento didático-pedagógico, sugerindo a partir disso, formas de explorar ativamente a literatura de cordel, como explicam em sua obra *Cordel em Sala de Aula*, Lúcio e Pinheiro (2001).

Deste modo, partindo da premissa de que a literatura de cordel pode e deve ser utilizada em sala de aula como instrumento didático-pedagógico, analisamos como se dá o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para em seguida, realizarmos um breve diálogo com os Parâmetros Curriculares Nacionais assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para encontrarmos subsídios que defendam ou se contraponham a premissa inicial desta pesquisa (o uso do cordel no ensino de gênero).

Por conseguinte, reveremos estes mesmos documentos para analisarmos o espaço ofertado nas propostas curriculares às discussões de gênero e seu ensino nas escolas. É de conhecimento de alguns que esse tema é tido como polêmico e até mesmo delicado, e sofre considerável resistência dos conservadores defensores da família tradicional, sendo para estes, uma ameaça a extinção dos valores morais da família tida como “normal”.

Desta maneira, preliminarmente, podemos resvalar as questões de poder dentro dos currículos, o que desde muito tempo tem interferido no real debate e na sua real construção, é fato recente a inserção desta temática nos currículos, sendo a publicação dos PCNs em 1997 um marco histórico para esta temática, no entanto, deixou algumas lacunas a serem preenchidas e com o surgimento de novas propostas presenciamos o retrocesso destes currículos, como é constatado na BNCC, publicada em 2017, como veremos nos tópicos a seguir, mas primeiro, analisaremos brevemente como se dá o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 O Processo de Alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma breve abordagem do essencial

A temática central desta pesquisa encontra-se no âmbito do uso do cordel no ensino do gênero em salas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por isto é pertinente abordarmos o processo de alfabetização a qual os alunos estão passando nesta fase da escola básica, pois para que o cordel se mostre útil a aprendizagem dos(as) alunos(as), é preciso considerar os níveis de aprendizagem de cada um a fim de explorar de maneira coerente as características estéticas, lingüísticas e temáticas dos cordéis.

Podemos compreender os anos iniciais do Ensino Fundamental de acordo com Carmo (2016, p. 55) etapa na qual: “[...] os discentes recebem vários tipos de estímulos, através de atividades diversificadas e com fundamentos lúdicos, desenvolvem a leitura, escrita, raciocínio lógico, leitura de imagens e sons.”

Deste modo, segundo Soares (2012), é nesta fase que se dá o processo de alfabetização, que se resume ao processo de desenvolvimento de leitura e escrita, a representação dos fonemas (sons) em grafemas (letras), indo mais adiante, a alfabetização ademais segundo Soares, (2012, p. 16), é “[...] um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito [...]”.

A BNCC, Brasil (2017, p. 59), reconhece em sua área de Linguagens para os anos iniciais do Ensino Fundamental que a alfabetização

[...] deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Os(as) estudantes nesta fase estão descobrindo um novo mundo através da leitura e da escrita, e para se trabalhar com cordel nesta etapa, é preciso que haja uma escolha criteriosa dos elementos do cordel a serem utilizados, Carmo (2016), pois os cordéis possuem características que quando o(a) estudante já domina a leitura, facilita sua compreensão. No entanto, nas fases de reconhecimento de letras e sílabas, os cordéis podem ser utilizados de maneira diferenciada, explanando suas xilogravuras promovendo a imaginação, e também a contação de histórias incentivando a leitura e o reconhecimento cultural.

Ressaltamos que a literatura de cordel pode ser utilizada como meio interdisciplinar¹² nos anos iniciais do Ensino Fundamental, divulgando a arte popular e ideias culturais, Carmo (2016). Os cordéis na alfabetização, considerando: “Seus folhetos, com seus versos, rimas e

¹² A interdisciplinaridade é entendida aqui de acordo com Fazenda (2011), como uma nova maneira de ser e fazer, uma nova atitude relacionada à maneira de compreender o conhecimento.

temas variados podem ser usados como estratégia para melhorar a leitura e aperfeiçoar a compreensão”, Carmo (2016, p. 58), ou seja, o cordel também pode ser uma estratégia de aperfeiçoamento da leitura e até mesmo de ajudar a interpretar o que se está lendo, não só codificando palavras, mais dando significados a elas.

No Brasil, os PCNs para o ensino da Língua Portuguesa, discutem a necessidade da apropriação da oralidade e da escrita dos(as) estudantes, pois segundo consta neste documento, é através do processo de leitura que o indivíduo consegue compreender e interpretar textos, de maneira que ele(a) aproprie-se do assunto e objetivos deste texto.

Os PCNs (BRASIL, 1997, p. 23), para Língua Portuguesa expressam que:

[...] o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação expressa e defende pontos de vista, partilha e constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Deste ponto de vista, utilizar o cordel como aliado á alfabetização dos(as) discentes, é garantir o acesso as variadas linguagens, e além disso, é oportunizar o acesso a cultura local, uma vez que estamos a investigar esta possibilidade no Nordeste, região de propagação do cordel brasileiro como nos esclarece Barros (2014), é meio de apropriação cultural e concretização do que nos propõe os PCNs, em sua parte citada.

Nessa mesma direção, Carmo (2016, p. 59) reitera que: “O Cordel pode ser empregado na sala de aula, uma vez que este é um recurso que utiliza a linguagem para construir significados e formar o senso crítico a partir de interpretações sobre o mundo.” Sendo assim, ele pode ser utilizado da maneira que foi proposta (mediando às discussões de gênero através do seu conteúdo), como meio de caucionar o ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Vale destacar também a importância da relação alfabetização, letramento e cordel, considerando o letramento de acordo com Soares (2003), como o desenvolvimento de habilidades em atividades de leitura e escrita e em práticas sociais, e visto que já evidenciamos como o cordel pode auxiliar na alfabetização das crianças, ressaltamos sua contribuição para o letramento, pois como afirma Freire (1988, p. 11), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, podemos inferir então, que o cordel para alunos nordestinos, é um meio de letramento, pois ele traz consigo artefatos de sua cultura, além de ser um rico instrumento no incentivo a leitura e o aperfeiçoamento desta.

Adiante, estabeleceremos um breve diálogo com os documentos curriculares nacionais, os PCNs para Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e seu fascículo “orientação sexual” dos seus temas transversais (2000), e a BNCC, com suas competências gerais e para arte e Língua Portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para examinarmos os possíveis ensejos que possam subsidiar a então pesquisa, analisando as propostas ao uso do cordel e ao ensino de gênero, aliando ambos, procurando ancorar estas propostas aos documentos curriculares.

3.2 Os PCNs e a BNCC, e o uso do cordel na educação? Cadê?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados no ano de 1997 em conformidade com a Constituição Federal (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), foram criados no intuito de nortear o trabalho docente nas etapas do Ensino Fundamental e médio da educação básica, é um conjunto de regras que sugerem e orientam novos caminhos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo de suas sugestões, os PCNs destacam a necessidade de trabalhar as mais diversas linguagens existentes no nosso país, sendo esta uma forma de apropriação cultural e enriquecimento do conhecimento das mais variadas formas de expressão, na disciplina de língua portuguesa no Ensino Fundamental, por exemplo, estes sugerem colocar: “[...] à disposição dos (as) alunos (as) textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia [...]” (BRASIL, 1997, p. 61).

Deste modo, a inserção da literatura de cordel está em consonância com os PCNs, uma vez que contribui com a diversificação de textos e linguagens e a viabilização dos valores estéticos contemplados pelos PCNs, por possuírem características únicas que representam a cultura de um povo, além de intermediar o ensino, a Literatura de cordel em si é o próprio ensino de sua própria história.

Destacando ainda as contribuições da literatura de cordel para o processo de ensino-aprendizagem, os PCNs ressaltam diversas vezes a importância do desenvolvimento da criatividade, como nas propostas para a disciplina de Língua portuguesa, quando eles destacam os objetivos esperados no Ensino Fundamental, Brasil, (1997, p. 10), dos quais esperam que os(as) alunos(as)

[...] sejam capazes de: questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Seguindo esta lógica, o cordel pode ser utilizado como meio de desenvolvimento desta criatividade, uma vez que este é construído em versos caracterizando uma escrita lúdica e neles possuem um ritmo de musicalidade quando lido que podem ser explorados pelos(as) alunos(as) como uma opção de textos para trabalharem não só sua criatividade, mas também a leitura e escrita.

Segundo consta nos PCNs (1997) suas propostas foram elaborados para orientar a construção dos currículos de cada escola, se configurando como uma proposta flexível, ou seja, não há imposições neste documento, no entanto, para haver uma adaptação destas propostas com a realidade dos(as) alunos(as), é preciso que haja uma interpretação minuciosa seguindo o que estes necessitam no que concerne ao seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, cultural, político e humano.

Desta forma, propor a literatura de cordel como instrumento do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem só não basta, é necessário que se adaptem as propostas curriculares nacionais comprovando sua utilidade e espaço dentro destas propostas. O uso do cordel em sala de aula pode ir além de discussões em língua portuguesa ou em artes, aliado aos PCNs, ele pode ser utilizado para trabalhar os temas transversais que foram inseridos aos PCNs.

Os temas transversais surgiram pela necessidade de discutir em salas de aulas assuntos que não possuem vínculo com nenhuma disciplina habitual, mas que, no entanto, são de grande relevância para a formação cidadã dos (as) alunos (as), como a questão do cuidado com o meio ambiente, a diversidade cultural, a ética, dentre muitos outros assuntos. Com a inserção dos temas transversais, Brasil, (1997, p. 25) o “[...] currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos.”

É fato que a literatura de cordel á algum tempo utiliza seus versos e xilogravuras para tratarem de assuntos discutidos na sociedade, assuntos estes propostos pelos temas transversais que podem ser facilmente trabalhados em sala de aula através da literatura de cordel, dando ênfase ao assunto trabalhado e a produção popular.

Como tema local, a literatura de cordel sendo forte manifestação da cultura nordestina, serve a educação desta região como um resgate da sua própria cultura, assim como serve para as outras regiões como forma de conhecer e se apropriar de outras culturas, o que pode contribuir no cumprimento de uma das metas dos PCNs, Brasil, (1997, p. 9), que trata a respeito do (a) discente.

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Nesta perspectiva, a literatura de cordel se mostra bastante útil para a percepção da pluralidade cultural do nosso país, sendo para alunos(as) nordestinos uma forma de reafirmação de identidade já que foi nessa região que a literatura de cordel se sedimentou. Assim, é nítido seu espaço entre as Propostas Curriculares Nacionais, fazendo-se necessário também, uma análise da Base Nacional Comum Curricular, para constatar se ainda há esse mesmo espaço para o uso da literatura de cordel em sala de aula.

3.2.1 A BNCC e a literatura de cordel, como gira esse carrossel?

Segundo consta na BNCC (2017), a Base Nacional Comum Curricular foi elaborada de acordo com o que previa a na Constituição Federal de 1988, na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1996, e no PNE (Plano Nacional da Educação) de 2014, contando com a participação da sociedade civil na elaboração de suas propostas curriculares, cada área de ensino foi preparada por especialistas de cada área, definindo as “aprendizagens essenciais” de todos(as) os(as) alunos(as) da escola básica, se orientando pelos princípios éticos, estéticos e políticos, visando à formação humana em suas múltiplas dimensões.

Com esta nova Base, busca-se a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, partindo da premissa de que para tanto, a educação precisa ser integral, garantindo o pleno desenvolvimento do(a) aluno(a), contribuindo com seu crescimento como cidadão e sua formação humana. Isto foi fortemente discutido até que por fim fosse estabelecido para então passar a orientar a elaboração dos currículos a partir deste mesmo ano, 2019.

A BNCC (2017) traz em seu bojo dez competências gerais que abrangem o que são chamadas “Aprendizagens gerais”, que definem o(a) perfil de cidadão que a escola deve formar, norteando uma educação que deve ser oferecida igualmente a todos(as) os(as) alunos(as), englobando em seus objetivos a: “[...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” Brasil (2017, p.08).

Com esta nova proposta curricular norteando os currículos das escolas, precisamos verificar se o pouco espaço oferecido pelos PCNs ao uso da literatura de cordel em sala de

aula se mantém ou se expandiu, ou simplesmente deu lugar aos novos métodos e estratégias, ditas mais eficazes no ensino. Deste modo, analisando as dez competências gerais que regem a BNCC, podemos destacar a primeira dessas competências, podendo ser chamada também de metas a serem cumpridas pela educação, esta primeira competência, Brasil (2017, p.09) almeja:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Nesta perspectiva, encontramos na primeira competência um espaço para justificar o uso da literatura de cordel em sala de aula, sendo esta uma literatura construída historicamente pelo povo, com ricos valores culturais que podem vir a viabilizar o cumprimento desta competência, garantindo que o (a) aluno (a) tenha acesso a diferentes realidades, refletindo a qual está inserido, podendo buscar assim, meios para modificar positivamente a realidade em que vive.

Analisando ainda as competências gerais, realçamos a sexta competência que estabelece a valorização dos diferentes saberes, ou seja, das variadas formas de buscar conhecimento, fala-se ainda de “vivência cultural”, o que trazendo para nosso contexto, pode ser propiciada através dos cordéis em sala de aula. Vejamos com mais clareza o que esclarece esta competência, Brasil, (2017, p. 09).

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Desta forma, dados os mais diversos temas abordados pelos cordéis, é válido dizer que ele se encaixa nesta meta, pois ele pode oportunizar esta apropriação de conhecimentos necessários para sua formação cidadã, o cordel não trata somente do povo e da história do nordeste, ele permeia sobre os diversos assuntos discutidos em sociedade, e por que não levá-los para sala de aula, para tratar assuntos como as discussões de gênero, de uma forma leve e lúdica?

Seguindo este raciocínio, a BNCC articula suas 10 competências gerais à jurisdição específica de cada área de conhecimento de cada etapa da educação básica, nas competências específicas da área de linguagens para o Ensino Fundamental, a quarta competência, Brasil, (2017, p. 63), nos chama a atenção quando estabelece que nesta etapa o currículo deva:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas

pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Deste ponto de vista, podemos perceber que a BNCC define suas competências propondo sempre o espaço para que os (as) alunos (as) não só reflitam, mas que também procurem formas de agir diretamente na sociedade, diante disso, propor que se respeitem as diversas manifestações culturais, é dar para a literatura de cordel não só um espaço em sala de aula, mas na própria sociedade, dando a ela o reconhecimento de seus inúmeros saberes que consigo carrega.

Ademais, é entendível que o espaço nos currículos para o uso da literatura de cordel em sala de aula tem se expandido, tanto que na BNCC os cordéis são propostos para o exercício da oralidade e no reconhecimento de diferentes gêneros, e do mesmo modo, como forma de apropriação cultural, de forma explícita o cordel é citado como estratégia pedagógica para o pleno desenvolvimento acadêmico dos (as) alunos (as).

Perante o exposto, com as análises das propostas dos PCNs e da BNCC ao qual a literatura de cordel poderia se aliar, vimos aqui também a possibilidade de utilização desta literatura para o ensino de gênero, para tanto, precisamos verificar o que as propostas curriculares vêm recomendando para este ensino, e de que maneira a literatura de cordel poderia contribuir com este ensino. Diante disso, buscaremos respostas para as então indagações feitas, (Como as propostas curriculares vem promovendo o ensino de gênero?), até o momento no próximo tópico.

3.3 O ensino de Gênero nos PCNs e na BNCC, a verdade que você precisa saber

A escola ao longo de sua história foi subordinada a uma sociedade machista, patriarcal de valores heteronormativos, que impunham a educação um ensino voltado para a reprodução e manutenção deste modelo social tradicional, logo, temas como gênero e sexualidade foram dissociados do ambiente escolar, Louro (2000), mantendo assim as assimetrias de poder, Silva (2015).

Nas últimas décadas no Brasil, com a ajuda de movimentos sociais, como o movimento feminista e LGBT, os então temas tidos como polêmicos, vem ganhando espaço nas propostas curriculares dando um novo significado a distribuição de conhecimentos oferecida pela educação, deste modo, a educação tradicional que separa e distingue através de

suas regras, vêm perdendo força e cedendo seu espaço para uma educação mais justa e igualitária.

Em 2000, com a publicação dos temas transversais dos PCNs, os temas Gênero e Sexualidade passaram a ser temas que deveriam ser consolidados nas escolas, a educação sexual, a qual se trabalhava nas escolas até então, passou a ser “Orientação Sexual” um texto que conta com três itens: O corpo, as relações de gênero e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, item elaborado pela epidemia de HIV/AIDS na década de 90 e pelo aumento de casos de gravidez na adolescência.

Anteriormente, a educação se caracterizava por ser tradicional e sexista, determinando que o mundo público pertencesse aos homens, e as mulheres pertencessem ao mundo doméstico, Louro (1999), delimitando não só papéis sociais mais também comportamentos e formas de expressar-se. Foucault (1984, apud JUNIOR, 2018) fala de controle dos corpos em análise a instituições como a escola, a seu ponto de vista, a escola é um meio que domestica o corpo e normaliza estas práticas.

Em contrapartida, com a publicação dos temas transversais dos PCNs, houve a inserção da discussão não só na escola, mas também na sociedade, Altman (2001) fez uma análise dos PCNs, e constatou que com este documento a temática: gênero e sexualidade passou a ser inserida nas escolas. No entanto nas propostas deste documento notou-se uma abordagem preventiva que buscava uma forma “ideal” de manifestar a sexualidade, indiretamente também estabelecer comportamentos “cabíveis” a meninos e a meninas.

Assim, no texto: “Orientação Sexual” o foco é dado à questão da sexualidade, o papel social de ambos os seres e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, bem como a prevenção da gravidez na adolescência, as diferentes identidades sexuais e a construção da identidade de gênero não são citadas, tão pouco propostas como discussão, como podemos analisar a seguir, Brasil, (2000, p. 107).

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes.

Nesta perspectiva, encontramos uma lacuna deixada pelos PCNs, expondo que este não conseguiu superar a então educação sexual oferecida anteriormente que enfatizava o sexo/prazer e a doença/morte, sendo uma abordagem que se preocupava com a saúde, tratar de tais temas nas escolas era cuidar da saúde sexual das crianças e adolescentes. Ao

analisarmos as propostas a respeito do gênero, no item: “As relações de gênero”, podemos destacar os objetivos da abordagem deste tema em sala de aula, Brasil, (2000, p. 144).

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas.

Desta forma, o que se entende destes objetivos é que buscam o estabelecimento de papéis tanto sexuais como social dos gêneros, ressaltando as características de cada gênero e reforçando estereótipos, determinando indiretamente os comportamentos de cada um, logo, não constatamos espaço para as identidades de gênero diferentes daquelas aceitas pela família tradicional, estabelecendo assim um sistema heteronormativo na escola. Os PCNs desta maneira, afirmam tão somente que meninos podem expressar características femininas sem perderem sua masculinidade, e vice e versa.

Nesta perspectiva, podemos alegar que o texto: Orientação Sexual, tema transversal dos PCNs (2000), foi construído a partir de uma confusão de conceitos, a tão comum confusão entre gênero¹³ e sexo¹⁴, fazendo com que os aspectos biológicos se sobressaíam aos aspectos sociais e culturalmente construídos, o que seria de fato a construção do gênero, no entanto, o que se vê é a preocupação com a manutenção da masculinidade e feminilidade.

Além disso, notamos o necessário rompimento com esse modelo de currículo de matriz masculina e heterossexual, buscando uma educação que não produzam nem reproduzam diferenças entre os sujeitos, ampliando as concepções a respeito do termo gênero para assim “Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito de “gênero” (LOURO, 1999, p. 34).

Deste ponto de vista, dado que as propostas curriculares no Brasil sempre sofreram críticas e interferências pela parte conservadora do Brasil, os PCNs foram um dos documentos que mesmo com suas falhas conseguiu trazer discussões ainda inéditas para a educação, a partir dele esperava-se que houvesse cada vez mais espaço para esta temática nos currículos, o que efetivamente não ocorreu.

¹³ “Construção social do sexo anatômico demarcando que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia dos seus corpos.” Paraná (2010, p. 08)

¹⁴ “É o conjunto de características fisiológicas, informações cromossômicas, órgãos genitais, potencialidade individual para o exercício de qualquer função biológica que diferencia machos e fêmeas.” Paraná (2010, p.13)

Seguindo esta conexão, ressaltamos o PNE (Plano Nacional da Educação), que estabelece as diretrizes e metas para a política educacional, ao tratar as discussões de gênero, o qual foi palco da interferência conservadora, Silvino, Henrique e Godim (2017, p.07), dado que:

No ano de 2014, durante a tramitação no Congresso Nacional da PNE, a questão de gênero foi retirada do texto original. Na ocasião, as bancadas evangélicas e conservadoras, afirmaram que as expressões utilizadas no documento colocavam em evidência uma “ideologia de gênero,” expressões que desfigurariam os conceitos de homem e mulher, colocando em risco o modelo de família tradicional.

Desta maneira, com esse texto vetado, os Estados e municípios passaram a decidir se incluíam essa proposta em seus currículos, e obviamente logo surgiram projetos de leis proibindo o ensino de gênero, abrindo novamente espaço para o fortalecimento do patriarcado, sexismo¹⁵ e machismo¹⁶, novamente há espaço para a violência de gênero, novamente calam-se vozes e esquecem sujeitos tão humanos quanto todos os outros.

Dessarte, é notável o regresso da educação brasileira principalmente em dias atuais com a aprovação da BNCC em dezembro de 2017, esta não faz menção ao gênero, pois ao passar pelo congresso nacional as mesmas bancadas religiosas/conservadoras contestaram rigorosamente as propostas alegando ser elas uma ideologia de gênero, e mais uma vez, tais questões foram deixadas fora de um importante documento para a educação.

Deste modo, “O potencial dessas exclusões para deslocar as articulações sobre a BNCC é preocupante, na medida em que elas focam diretamente demandas de grupos minoritários de raça, gênero e sexualidade que, ainda timidamente, têm conquistado algum espaço” (MACEDO, 2017, p. 517). Ou seja, podemos atentar para o fato de que este documento pode abrir caminhos para a manutenção da já existente escola opressora e discriminadora.

Evidentemente, “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz” (LOURO, 1999, p. 80/81). Neste ponto de vista, cabe indagar: qual concepção será construída a respeito de gênero e sexualidade na escola com a vigência destas propostas curriculares tão limitadas de possibilidades? A resposta é o que se vê na sociedade

¹⁵ “Atitude preconceituosa que difere homens de mulheres definindo características específicas para cada um, subordinando o feminino ao masculino.” Paraná (2010, p.13)

¹⁶ “É a crença de que os homens são superiores às mulheres. É uma construção cultural que definiu que as características atribuídas aos homens, tem um valor maior.” Paraná (2010, p.111)

atual, feminicídios, homofobia, dentre outros preconceitos dissociados pela escola reprodutora do ensino tradicional.

Considerando uma educação humana a contemporaneidade, precisamos que esta seja um ato político¹⁷ que lute contra estes processos de exclusão e negação dos sujeitos, rompendo com este currículo masculinamente construído, levando para a educação, novos meios de ensino, sem prender-se a currículos falhos na educação humana. Para esta conquista, é necessária uma formação docente reflexiva a qual prepare os profissionais para a luta em favor desta luta por uma nova educação.

Conclui-se, portanto, que prender-se as propostas curriculares vigentes é reproduzir uma sociedade de valores prioritariamente heteronormativos, é preciso não só discutir este fato, assim como os debates sobre gênero, mas também construir alternativas para que o ensino destas questões não sejam aniquiladas das salas de aula, por isto nesta pesquisa, propomos uma alternativa que busca viabilizar este ensino, como forma de manutenção do ensino de valores realmente necessários a formação humana e social dos(as) alunos(as).

No capítulo seguinte, detalhamos o percurso metodológico da presente pesquisa, apresentando seus métodos de coleta de dados apresentado as oficinas como alternativas para o ensino de gênero, sua forma de análise e seus procedimentos éticos a serem seguidos.

¹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um encontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

4. CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA, DETALHADOS PELA POETIZA

Como nos afirma Freire (2001, p.32) “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, deste modo, pode-se entender que a pesquisa é à base de conhecimentos práticos e teóricos para o ensino, por isto a pesquisa se faz tão importante para a educação, sendo um de seus fundamentos a busca incessante por novos saberes relevantes para aqueles que buscamos formar.

A abordagem desta investigação, se trata de uma pesquisa qualitativa, classificada como descritiva e explicativa, buscando um aprofundamento e compreensão da problemática deste estudo (Como o cordel pode ser utilizado no ensino de gênero), indo além da aparência dos fenômenos, tentando entender a sua essência para encontrar seu significado dentro do contexto, Triviños (1987).

Como embasamento teórico para o uso desta metodologia, destacaremos conceitos formulados pelos seguintes teóricos: Oliveira (2007) que fundamenta a respeito da pesquisa qualitativa na educação, Prodanov e Freitas (2013) que fundamenta a pesquisa-ação, assim como Richardson (2017) e Anastasiou e Alves (2004) que por fim, nos auxilia na compreensão do uso das oficinas como método de coleta de dados.

Sendo esta uma pesquisa com objetivos para fins de ensino, podemos destacar sua importância para possíveis novas descobertas para a educação, um modo de investigar, indagar sobre o ambiente escolar, pensando constantemente em novas possibilidades para viabilizar o ensino, desta forma, e para tanto, é de total relevância a descrição minuciosa da pesquisa realizada partindo de seus procedimentos metodológicos.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Para a realização da pesquisa de natureza básica, efetuamos uma pesquisa qualitativa, sendo esta uma pesquisa-ação, a fim de compreender os fenômenos que ocorrem no espaço da sala de aula quando há a intervenção pedagógica do uso da literatura de cordel no ensino básico de gênero. Sobre pesquisa qualitativa, Oliveira (2007, p.37) menciona que esta “implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análises de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.”

Definindo a pesquisa-ação, Thiollent, (1998, p.14 apud PRODANOV, 2013, p. 65) ressalta que a pesquisa-ação é entendida como:

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De acordo com Richardson (2017), a pesquisa-ação, ganhou força nos anos 70 com os estudos de Paulo Freire, pois foi com esta prática que Freire encontrou um dos princípios mais importantes para a pedagogia, o “pensar sempre na prática”, o que revela a aplicabilidade deste tipo de pesquisa para a educação.

Richardson (2017) diz que a pesquisa-ação propende a produzir mudanças e compreensão sobre os conhecimentos, ou seja, a pesquisa-ação é um trabalho científico que possui dois objetivos: a ação e a pesquisa. Este tipo de pesquisa, demanda a organização e o planejamento de todas as suas etapas, que segundo Richardson (2017), é: o diagnóstico no qual se identifica e define o problema, a ação, hora em que as informações colhidas anteriormente são organizadas para o início do processo de intervenção, e por fim a avaliação em que todo o processo é avaliado, bem como os resultados alcançados.

Deste modo, a presente pesquisa busca subsídios para o melhoramento do ensino de gênero através da literatura de cordel agindo de modo propositivo e interventivo, por meio de oficinas que foram aplicadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para então analisarmos as possíveis contribuições para este ensino.

Nesta pesquisa utilizou-se a seguinte técnica de coletas de dados: a intervenção direta na realidade, propondo uma possível solução para os problemas encontrados durante o levantamento bibliográfico, no qual se notou a necessidade de propor uma solução para o “fraco” ensino de gênero e a pouca exploração da cultura popular, esta proposta (itens 5.1.1 e 5.1.2) foi descrita e analisada (itens 5.2 e 5.3) passo a passo em todo seu processo de aplicação.

Sobre pesquisas que vão além da análise de uma realidade, Demo (2000, p. 22) nos fala que:

[...] todas as pesquisas são ideológicas, pelo menos no sentido de que implicam posicionamento implícito por trás de conceitos e números; a pesquisa prática faz isso explicitamente. Todas as pesquisas carecem de fundamento teórico e metodológico e só têm a ganhar se puderem, além da stringência categorial, apontar possibilidades de intervenção ou localização concreta.

Neste contexto, a pesquisa em foco se constitui como propositiva em todo o referencial teórico, pois nele estabelecemos um diálogo com autores que defendem o valor formativo do cordel, assim, apenas constatar fatos já comprovados (o ensino limitado do gênero e a pouca abordagem da literatura de cordel em sala de aula) não satisfaz aos objetivos

da pesquisa, desta forma, constatou-se a necessidade de elaborar uma ação interventiva a fim de comprovar o poder formativo do uso da literatura de cordel no ensino de gênero.

Neste sentido, detalharemos no próximo item a aplicação deste instrumento para fins da coleta dos dados que foram analisados posteriormente.

4.2 Método de Coleta de Dados

Inicialmente foi primordial a realização do estudo da literatura para embasamentos teóricos, no qual se estudou a história da literatura de cordel, bem como o que dizem os teóricos sobre o ensino de gênero sempre buscando aliar a literatura de cordel a este ensino, buscando autores que podem reforçar a ideia inicial de que é possível o ensino de gênero através da literatura de cordel, em seguida buscamos nos documentos curriculares (PCNs e BNCC) espaço para este ensino através da literatura de cordel, bem como o espaço dado nestes documentos às propostas para o ensino de gênero.

Sendo esse estudo uma pesquisa-ação, Prodanov (2013, p. 66) afirma que: “A pesquisa-ação não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.” Nesta perspectiva, a ação interventiva se deu por meio de oficinas que trabalharam diferentes temas, dando ênfase as discussões de gênero através da literatura de cordel.

Nesta lógica, as oficinas são importantes ferramentas para a educação, pois elas se baseiam em situações do cotidiano dos(as) alunos(as) proporcionando uma construção de conhecimento de uma forma participativa estimulando o pensar crítico e questionador. A respeito disso, Anastasiou e Alves (2004, p. 95) nos fala que:

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá.

Contextualizando, as oficinas foram escolhidas como forma de atender a proposta da pesquisa, como meio de levar para a escola uma nova forma de ensino do gênero, assim como proporcionar aos(as) alunos(as) o contato com a cultura popular como forma de resgate e valorização desta cultura, mostrando que esta literatura pode auxiliar no ensino de diversos temas, especialmente as discussões de gênero tão necessárias a formação humana dos(as) alunos(as).

As oficinas foram realizadas com discentes do 2º e 5º ano do Ensino Fundamental I, tendo como carga horária 4 horas/aula cada uma delas, sendo realizadas no período de 10 de maio de 2019 a 14 de maio deste mesmo ano, na escola E.E.E.F Coronel Joaquim Matos.

As oficinas foram divididas em dois momentos: primeiro momento, no qual foram apresentadas aos (as) alunos (as) algumas obras de cordéis sobre variados temas, deixando que estes observassem suas características estéticas e literárias. Em seguida foi lido para os (as) alunos (as) um cordel autoral abordando o gênero, para então, no segundo momento, realizar uma pequena roda de conversa para discutirem sobre o cordel lido, e logo após produzissem seu próprio cordel (5º ano) sobre o assunto ou uma isogravura¹⁸ (2º ano) sobre o tema.

4.3 Análise de Dados

As análises dos dados foram feitas de modo qualitativo, buscando descrever, compreender e explicar os fatos vivenciados na pesquisa. Após a realização das oficinas, estas situações foram descritas na medida em que foram sendo analisadas, destacando fatos, situações e possíveis soluções para as discrepâncias encontradas em seu desenrolar.

Deste ponto de vista, o presente estudo analisa seus resultados de maneira aprofundada, na qual detalha seus procedimentos de coleta de dados, a elaboração das propostas de intervenção, e sua realização em sala de aula, descreve e analisa situações que ocorreram a partir das oficinas, como poderá ser constatado no capítulo 5 e seus itens.

A seguir, destacamos os procedimentos éticos seguidos durante esta pesquisa, mostrando total comprometimento e responsabilidade com os sujeitos nela envolvidos.

4.4 Procedimentos Éticos da Pesquisa

A pesquisa se deu por meio de oficinas que ocorreram na E.E.E.F Coronel Joaquim Matos, a qual permitiu a realização destas através da assinatura do termo de anuência (Anexo 2), em duas salas de aulas com 19 alunos(as) matriculados em cada uma delas, dando num total de 38 sujeitos presentes nos dias da realização destas oficinas. Deste modo, para assegurarmos anonimato dos sujeitos, não citaremos nomes, e resguardaremos suas

¹⁸ Arte de talhar desenhos no isopor, geralmente são feitas em bandejas de isopor que vem com frios ou frutas do supermercado, depois de talhar os desenhos, passa-se tinta preta por cima e em seguida é prensada em papel branco. Esta arte surgiu como uma releitura das xilogravuras.

identidades no uso de suas imagens, a fim de garantir assim seu direito de imagem e anonimato.

No próximo capítulo, explanamos a elaboração das propostas de intervenção que se deu através das oficinas no 2º e 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, descrevemos e analisamos estas oficinas e então apresentamos os resultados aos quais nos permitiu essa investigação. Vejamos a seguir como aconteceu o processo de investigação da prática desta pesquisa.

5. AGORA QUE VIMOS A TEORIA, E NA PRÁTICA, COMO SERIA?

A presente pesquisa tem como método de coleta de dados, a aplicação de oficinas, pois se constatou durante sua organização, que apenas afirmar ou constatar que não há um ensino ativo de gênero, tão pouco o uso do cordel como mediação pedagógica, não atenderia aos objetivos de pesquisa, por isto, se observou a necessidade de mostrarmos que é possível este ensino por meio da literatura de cordel, apontando como podemos contribuir com este ensino, sendo as oficinas o método pensado para experimentarmos esta idéia.

Paviane e Fontana (2009) consideram a oficina, uma oportunidade dada aos (as) alunos (as) de vivenciar situações concretas e significativas, já que consiste num meio de construção de conhecimento, no qual o aluno sente, pensa e age, partindo da ação, com bases teóricas que as sustentam. Diante disso, a aplicação de oficinas para esta pesquisa é a concretização da proposta inicial (utilizar o cordel no ensino de gênero), mostrando um caminho claro e simples a ser percorrido pelos educadores com intencionalidade de oferecer um meio competente para a inserção das discussões de gênero, munidos da ferramenta cultural, o cordel, como podemos averiguar a seguir.

5.1 Vamos as oficinas descrever, propondo como o uso do cordel no ensino de gênero pode ocorrer

As oficinas foram elaboradas para atenderem a duas turmas do Ensino Fundamental I da escola Estadual Coronel Joaquim Matos, da cidade de Cajazeiras – PB, sendo uma oficina direcionada ao 2º ano e outra ao 5º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estas foram pensadas e elaboradas em conformidade com a faixa etária de cada turma e seus níveis de aprendizagem, pensando em discussões pertinentes a formação de cada um na etapa da escola básica em que se encontram. Estas discussões foram intermediadas por meio da literatura de cordel, ressaltando as discussões de gênero.

A aplicação das oficinas ocorreu no turno vespertino, na qual foram atendidas 38 crianças. As oficinas apresentaram a literatura de cordel e seus temas nela abordados, ressaltando as discussões de gênero dentro destes temas, como apropriação das discussões, realizamos com as crianças do 2º ano, a produção de isogravuras, uma arte proveniente da literatura de cordel, já com a turma de 5º ano oportunizamos a produção de cordéis nos quais os próprios (as) alunos (as) puderam expor sua concepção a respeito do gênero.

As propostas das oficinas foram elaboradas e descritas passo a passo e enviadas a escola, lócus da pesquisa para aprovação da sugestão de atividades. A seguir, mostramos os intuítos destas propostas, tal como foram apresentadas a escola:

PROPOSTA DE OFICINA PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tema: A literatura de cordel na inserção das discussões de gênero

Público alvo: Alunos(as) do 2º ano do Ensino Fundamental

Carga horária: 4 horas

Justificativa

A presente oficina é fruto de uma pesquisa a respeito do valor formativo da literatura de cordel para a intermediação do ensino de variados temas pertinentes a formação cidadã dos (as) alunos(as), tais como: gênero, religião e sexualidade, tendo sido pensada no intuito de levar para alunos(as) do 2º ano a cultura da literatura de cordel como forma de resgate cultural e como meio de mostrar seu valor formativo para a educação.

A realização desta oficina tem como pretensão ocorrer na E.E.E.F Coronel Joaquim Matos. A escolha deste campo se deu após realização de projetos nesta mesma escola pela então orientadora desta pesquisa (kássia Mota, orientadora inicial desta pesquisa), nos quais se notou uma receptividade e interesse considerável a inserção das discussões de gênero em suas salas de aula.

É válido ressaltar que este tema surgiu após experiências vividas durante regência do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) no ano de 2017, numa sala de 5º ano do Ensino Fundamental, na qual durante esta experiência foi elaborado e realizado um projeto em que se trabalhou a literatura de cordel, sua origem, técnica e temas por ela abordados; o projeto obteve resultados satisfatórios e com isso vimos a necessidade de aprofundarmos essa questão, trabalhando a literatura de cordel na formação cidadã dos(as) alunos(as), trabalhando com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cordéis contemporâneos que mostram e ensinam facilmente questões pouco discutidas em sala de aula.

Nesta perspectiva, a presente oficina se faz importante no contexto atual da educação e da sociedade, porque a literatura de cordel proporciona uma inter-relação com as diversidades, reconhecendo e valorizando as identidades a serem formadas com a articulação entre as diferenças dos grupos sociais, proporcionando não só um contato direto com a cultura

nordestina, mas também com temas aos quais precisam e devem ser discutidos em sala de aula. No caso, as discussões de gênero.

Objetivos

- Apresentar a literatura de cordel como manifestação cultural nordestina, mostrando sua história e origem;
- Apresentar os diferentes tipos de cordéis;
- Conduzir a leitura e discussão de cordel autoral abordando o gênero;
- Promover debate e reflexão sobre os cordéis trabalhados;
- Orientar a produção de isogravuras com a temática do gênero.

Recursos e materiais:

- Bandejas de isopor;
- Caneta;
- Folha A4;
- Papel madeira;
- Pincel;
- Tinta preta

Sequencia didática

Os encaminhamentos metodológicos seguem de acordo com a construção de uma sequência de atividades que contribuem para um enriquecimento cultural de todos os presentes, pois partem da apresentação da cultura da literatura de cordel em nossa região mostrando seu valor e importância para nossa cultura, e seguindo para apresentação de diferentes tipos de cordéis, os lúdicos, histórico e os de discussões sociais, para assim conduzirmos leituras, reflexões e críticas a respeito dos temas dos cordéis trabalhados, isto deve culminar na realização de isogravuras feitas pelos(as) alunos(as) para representarem as discussões de gênero que serão propostas pelos cordéis, como descrevemos a seguir:

ACOLHIDA: Recepção dos(as) alunos(as), organização do material e exposição da oficina que será realizada.

1º MOMENTO DA ATIVIDADE: OUVINDO E CONHECENDO A LITERATURA DE CORDEL

- **Apresentação Inicial:** Dinâmica de apresentação (Um nome e uma rima)
- **Intervenção Artística:** Leitura do cordel: “Brincadeira de criança” (<http://tarciocosta.com.br/content/view/322/45/>.) cada aluno receberá uma cópia do cordel, e este ainda será escrito num cartaz para facilitar ainda mais a compreensão dos(as) alunos(as).
- **Fala:** Do que se trata o cordel? O que mais lhes chamou a atenção?

2º MOMENTO DA ATIVIDADE: CONHECENDO A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

- **Informações:** Explicar a origem do cordel, como são feitos, como eram vendidos;
- **Interação:** contato com alguns folhetos de cordéis, momento de ler e compartilhar com os colegas os assuntos lidos, observando seus temas.
- **Intervenção Artística:** Leitura do cordel: (<http://literaturadecordel.vilabol.uol.com.br/projetocordelnaescola.htm>)

INTERVALO: Preparação para o lanche e momento da recreação.

3º MOMENTO DA ATIVIDADE: ESTRATÉGIAS PARA A INSERÇÃO DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO A PARTIR DOS CORDÉIS

- **Ler cordel autoral:** Dona Fadinha e Seu Doende (Apêndice 1)
- **Fala:** Quais são os personagens do cordel? O que eles fazem? O que acontece com eles?
- **Intervenção:** Os(as) alunos(as) irão recontar o cordel, refletindo sua problemática.

4º MOMENTO DA ATIVIDADE: DESCUTINDO, REFLETINDO E EXPONDO O TEMA ABORDADO PELO CORDEL

- **Inserção da discussão de gênero:** O que Dona Fadinha pensava sobre meninos brincarem com meninas? E o seu Duende?

- **Reflexão:** Os(as) discentes expõem o que fariam no lugar de Dona Fadinha e Seu Duende
- **Culminância:** A partir de seus pensamentos, os(as) alunos(as) serão orientados a produzirem uma isogravura representando a brincadeira que eles brincariam com Dona Fadinha e Seu Duende.

ENCERRAMENTO: Agradecimentos, resultados da oficina e fala de despedida.

AVALIAÇÃO

O objetivo geral dessa oficina é mostrar o valor formativo da literatura de cordel, mas com o seu desenrolar, podemos destacar também seu valor de resgate a cultura nordestina, meio de levar para os(as) alunos (as) uma forma de apropriação cultural e intelectual, além de convir como intermediador de diversos temas por sua característica democrática e sutil de abordar alguns assuntos.

Nesta perspectiva, a avaliação será realizada a partir dos princípios de uma avaliação formativa (HOFFMANN, 1998) observando a: participação, envolvimento, comprometimento, cooperação, colaboração dos(as) alunos(as), considerando as contribuições do cordel para sua compreensão a partir dos pontos observados.

Vale ressaltar, que sendo esta uma pesquisa-ação, é relevante a realização de uma autoavaliação após a aplicação desta oficina, observando o comprometimento, domínio do conteúdo e didática durante a aplicação desta, assim, ao final, poderemos destacar fatores que possam contribuir ou interferir na aplicação de oficinas de cordéis.

PROPOSTA DE OFICINA PARA 5º ANO

Tema: O Cordel na formação cidadã dos(as) alunos(as)

Público alvo: Alunos(as) do 5º ano do Ensino Fundamental

Carga horária: 4 horas

Justificativa

A presente oficina é fruto de uma pesquisa a respeito do valor formativo da literatura de cordel para a intermediação do ensino de variados temas pertinentes a formação cidadã dos(as) alunos(as), tais como: gênero, religião e sexualidade. Esta oficina foi pensada no intuito de levar para alunos(as) do 5º ano a cultura da literatura de cordel como forma de resgate cultural e como forma de mostrar seu valor formativo para a educação.

A realização desta oficina tem como pretensão ocorrer na E.E.E.F Coronel Joaquim Matos, a escolha deste campo se deu após realização de projetos nesta mesma escola pela então orientadora desta pesquisa (Kássia Mota, orientadora inicial da pesquisa), nos quais se notou uma receptividade e interesse considerável a inserção das discussões de gênero em suas salas de aula.

É válido destacar que este tema surgiu após experiências vividas durante regência do PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação a Docência) no ano de 2017, numa sala de 5º ano do Ensino Fundamental, na qual durante esta experiência foi elaborado e realizado um projeto em que se trabalhou a literatura de cordel, sua origem, técnica e temas por ela abordados; o projeto obteve resultados satisfatórios e com isso vimos a necessidade de aprofundarmos essa questão, trabalhando a literatura de cordel na formação cidadã dos(as) estudantes, trabalhando com alunos(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cordéis contemporâneos que mostram e ensinam facilmente questões pouco discutidas em sala de aula.

Nesta perspectiva, a presente oficina se faz importante no contexto atual da educação e da sociedade, porque a literatura de cordel proporciona uma inter-relação com as diversidades, reconhecendo e valorizando as identidades a serem formadas com a articulação entre as diferenças dos grupos sociais, proporcionando não só um contato direto com a cultura nordestina, mas também com temas aos quais precisam e devem ser discutidos em sala de aula.

Objetivos

- Apresentar a literatura de cordel como manifestação cultural nordestina;

- Explanar temas de cordéis contemporâneos junto aos(as) alunos(as);
- Promover o debate e a reflexão sobre as discussões de gênero;
- Conduzir a elaboração de cordéis feitos pelos alunos(as).

Recursos e materiais:

- Folha A4;
- Caneta;
- Folhetos de Cordéis;
- Quadro Branco.

Sequência didática

Os encaminhamentos metodológicos seguem de acordo com a construção de uma seqüência de atividades que contribuem para um enriquecimento cultural de todos os presentes, deste modo, utilizaremos da leitura dos(as) alunos(as) para a compreensão dos temas abordados, bem como, da interpretação e reflexão daquilo que será lido.

Esta oficina, ocorrerá no turno da tarde no 5º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F Coronel Joaquim Matos, tendo como carga horária 4 horas/aula. A oficina se constitui em momentos sincronizados, tratando-se do resgate cultural por meio da literatura de cordel e da reflexão e apreensão das discussões de gênero, trabalhando a reflexão através da leitura e da escuta. Com esta reflexão buscamos a manifestação do que foi aprendido através de cordéis produzidos pelos próprios(as) alunos(as), demonstrando assim o papel intermediador de saberes do cordel.

ACOLHIDA: Recepção dos(as) alunos(as), organização dos materiais e exposição dos objetivos da oficina a ser realizada.

1º MOMENTO DA ATIVIDADE: APRESENTAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL

- **Apresentação Inicial:** Dinâmica de apresentação (Cordelando Juntos)
- **Intervenção Artística:** Leitura de cordel (Seja Gente- Bráulio Bessa)

2º MOMENTO DA ATIVIDADE: CONHECENDO, DEBATENDO E REFLETINDO TEMAS DE CORDÉIS CONTEMPORÂNEOS

- **Exposição e roda de leitura de cordéis apresentando temas como:** Gênero e sexualidade;
- **Fala:** O que nos revela os cordéis expostos?
- **Intervenção:** Destacar o tema central do cordel lido, do que se trata? O que você aprendeu com ele?

INTERVALO: Preparação para o lanche e hora da recreação.

3º MOMENTO DA ATIVIDADE: ELABORANDO CORDÉIS REFERENTES AOS TEMAS TRABALHADOS

- **Intervenção Artística:** Leitura de cordel autoral (Seu Respeitar)
- **Orientações:** Pedir para que os(as) discentes produzam um pequeno cordel referente ao que pensam a respeito do gênero, depois de refletirem a problemática do cordel autoral: Seu Respeitar.

4º MOMENTO DA ATIVIDADE: APRESENTAÇÃO DAS OBRAS DE CORDEL FEITAS PELOS ALUNOS (AS)

- **Apresentações:** Cada aluno poderá ler a sua obra para os colegas;
- **Dinâmica final:** Dinâmica (Rima mais eu), os(as) alunos(as) em dupla formarão dois versos finais para se despedirem da oficina.

ENCERRAMENTO: Agradecimentos e resultados da oficina

Avaliação

O objetivo geral dessa oficina é mostrar o valor formativo da literatura de cordel, mas com o seu desenrolar, podemos destacar também seu valor de resgate a cultura nordestina, meio de levar para os(as) alunos(as) uma forma de apropriação cultural e intelectual, além de servir como intermediador de diversos temas por sua característica democrática e sutil de abordar alguns assuntos.

Nesta perspectiva, a avaliação será realizada a partir dos princípios de uma avaliação formativa (HOFFMANN, 1998) observando a: participação, envolvimento, comprometimento, cooperação, colaboração dos(as) alunos(as), considerando as contribuições do cordel para a compreensão destes a partir dos pontos observados.

Vale ressaltar, que sendo esta uma pesquisa-ação, é relevante a realização de uma autoavaliação após a aplicação desta oficina, observando o comprometimento, domínio do conteúdo e didática durante a aplicação desta, assim, ao final, poderemos destacar fatores que possam contribuir ou interferir na aplicação de oficinas de cordéis.

5.2 Atenção, tem cordel no 2º ano, é hora de analisar a intervenção

A realização de oficina para o 2º ano do Ensino Fundamental I, aconteceu no dia 14 de maio de 2019, na E.E.E.F Coronel Joaquim Matos de Cajazeiras-PB, a qual autorizou esta atividade por meio do termo de anuência (Anexo 2). Esta atividade ocorreu numa sala com 19 alunos matriculados de faixa etária entre 6 e 8 anos, estando 18 presentes neste dia, tendo como duração 4 (quatro) horas, do turno vespertino.

De início, às 13h 00min da tarde (Horário que se inicia a aula), realizou-se a apresentação da pesquisadora/mediadora da oficina, explanando e destacando seus objetivos e o percurso a qual seguiu-se durante a atividade. Os(as) estudantes demonstraram bem receptivos ao recepcionarem a pesquisadora com abraços e gestos de carinho, mostrando a sua vontade em conhecer algo novo, pois para eles(as) a ideia a qual foi oferecida é um mundo, até então, desconhecido, só que ao abraçarem a provedora desta ideia, também abraçaram a proposta a qual ela lhes trouxe.

Em pós a realização das apresentações, os(as) alunos(as) foram questionados se já haviam ouvido falar de literatura de cordel, e a resposta foi unânime, nunca ouviram falar, e nem se quer viram um cordel. Então, foi indagado a eles(as) o que imaginavam ser um cordel, e alguns relacionaram o nome a cordas e outros(as) afirmaram serem livros embora nunca tenham tido acesso ao cordel eles de certo modo associaram ao que seria um cordel, e isto lhes causou muita curiosidade, fazendo-os logo pedirem para conhecer o tão citado cordel.

Diante disto, as 13h 20min, os cordéis foram apresentados no meio da sala de aula e os (as) alunos(as) fizeram uma roda em torno deles com podemos ver na Figura 1, logo abaixo. Foi explicado a origem do cordel, como eles são feitos e por que eles são tão importantes para o povo nordestino. Com esta explicação percebeu-se que estas crianças ainda não se identificam com a cultura popular nordestina, revelando a restrição do trabalho desta cultura em sala de aula como meio de manutenção das tradições e como meio de proporcionar a apropriação da cultura a qual os(as) alunos(as) estão inseridos.

Figura 1: Crianças em roda para leitura de cordéis



Fonte: Pontes (2019)

Freitas, (2011, p. 50) nos fala da importância desta identidade cultural, nos afirmando que:

[...] ela necessita do “outro” para poder se definir, é como se identifica um perfil identitário: pelos opostos. Logo, para existir e ter sua continuidade garantida, ela precisa transitar pelo território de negociações humanas. Ou seja, para manter os mais jovens, que são a garantia de continuidade da identidade cultural, é preciso que eles acreditem na importância de pertencer ao grupo.

Nesta compreensão, trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula é uma forma de garantir a continuidade das riquezas desta cultura, fato que não foi observado na sala de aula em estudo. No entanto, com a intervenção proporcionada pela oficina buscamos alguma mudança nesta realidade, uma vez que a professora da turma revelou em conversa informal, após o término da atividade, que havia gostado das metodologias e abordagem desta oficina, podendo inseri-la á suas práticas.

Diante este relato, e a possível continuidade da pratica metodológica desta oficina, ressaltamos a contribuição da literatura de cordel para o processo de alfabetização em que se encontram estas crianças, sujeitos desta pesquisa, pois o cordel contribui com o incentivo a leitura além de ir em conformidade ao que a BNCC (2017, p. 68), quando esta sugere que os(as) alunos(as) durante esta fase da escola básica precisam: “Fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais” fato a qual buscamos com as leituras dos cordéis em

sala de aula, tornando o cordel, como também, um aliado do processo de alfabetização e letramento.

Avançando com a descrição das atividades, destacamos o desejo e admiração pelos aspectos físicos dos cordéis demonstrados pelas crianças, as xilogravuras despertaram interesses pelos conteúdos dos cordéis, e quando explicado que o cordel era composto por rimas, todos se mostraram interessados e empenhados a também produzirem pequenas rimas, foi uma verdadeira diversão quando todos(as) se propuseram a rimar, mostrando que o cordel de forma lúdica, forma, ensina e diverte a quem com ele tem contato.

Para se cumprir o objetivo principal desta oficina, proporcionar a reflexão sobre o gênero através dos cordéis, às 14h 00min, realizou-se a leitura de um cordel autoral¹⁹: Dona Fadinha e seu Duende (Apêndice 1), na qual os(as) alunos(as) puderam refletir a respeito das “cores que definem o gênero” com base nos seguintes versos, Pontes (s/p):

[...]
 Dona Fadinha vivia a sua casa enfeitar,
 Era tudo rosa e cheio de flores de maracujá,
 Seu Duende morria de rir daquilo lá
 Não entendia pra que tanto rosa, em todo lugar.
 [...]

Com os versos acima, indagou-se aos(as) alunos(as): “Só menina que pode usar rosa?”, alguns deles (as) responderam que sim, elucidando a criação da família tradicional a qual estes (as) alunos (as) estão vivenciando, este fato ficou ainda mais nítido quando estes (as) continuaram a serem questionados, quando foi observado que estes(as) discentes estão recebendo uma formação, seja pela família, seja pela escola, de acordo com Silva (2015), que visa manter uma sociedade machista e além de tudo heteronormativa,.

Após este fato, com os questionamentos e desfecho do cordel autoral, se notou que as crianças passaram a se preocupar quanto às suas respostas, pois o mesmo aluno que respondeu “sim” a pergunta anterior (Só menina usa rosa?), revelou em sua fala que: “*tia, meu avô usa uma camisa rosa, então acho que não tem problema não*”, então foi observado que, como Carmo (2016, p.83) salienta: “O Cordel torna-se um elemento educativo quando este promove a socialização e faz com que o indivíduo elabore sentidos a partir da sua leitura e compreensão”. Deste ponto de vista, o cordel além de trazer novas informações para este

¹⁹ A pesquisadora também é cordelista e produziu para esta oficina um cordel sobre o tema gênero (Apêndice 2), proporcionando a reflexão e resolução da problemática levantada pelo cordel.

aluno, proporcionou a reflexão e associação da situação, reafirmando seu valor formativo e reflexivo.

Prosseguindo com a sequência diadática, às 14h 40min, os(as) estudantes continuaram a serem indagados através do conteúdo do cordel (Dona Fadinha e Seu Duende), e muitas vezes, alguns dos versos nem precisavam serem explorados, os (as) próprios (as) alunos (as) concluíam seu raciocínio. Alguns destes versos do cordel autoral que chamaram a atenção das crianças foram, Pontes (s/p):

[...]
Um dia, duas crianças foram brincar lá por perto,
Os dois curiosos foram bisbilhotar,
Seu duende muito esperto
Logo se escondeu pra olhar.

Dona Fadinha encucada, resolveu perguntar:
É certo menino brincar de casinha?
Seu Duende respondeu sem demorar:
E porque não seria Dona Fadinha?

A Dona Fadinha confusa, respondeu:
Pois no meu tempo não era assim
Seu Duende chega se tremeu
Não tem nada estranho para mim.
[...]

Com os versos acima, as crianças concluíram que a Dona Fadinha estava equivocada, assim como alguns deles (as) ao responderem anteriormente a pergunta: Só meninas podem usar rosa? rompendo com os comportamentos socialmente definidos para meninos e meninas e de acordo com algumas falas registradas no diário de campo, eles(as) relataram afirmações como: “*Meninos e Meninas brincam do que quiserem*” (Menino) e “*Eu brinco com minhas primas e não tem problema não*” (Menino) explicando assim o equívoco de Dona fadinha, e ao mesmo tempo ressignificando seus próprios conceitos.

Desta forma, embora no início tenha havido resistência por parte das crianças com relação as cores, após toda a leitura do cordel autoral notou-se uma mudança em suas falas, e foi perceptível sua reflexão. As discussões foram aprofundadas e os(as) alunos(as) estavam ávidos para exporem suas opiniões, algo que auxiliou positivamente o desenrolar da oficina. Mesmo com todas as reflexões quando questionados(as) sobre os brinquedos (Se haviam brinquedos para meninas e brinquedos para meninos), eles(as) admitiram existir esta distinção, e com uma simples oficina não se pode resolver esta distinção, mas podemos fomentar as discussões e reflexões a respeito disso, mesmo que seja esta, uma prática imposta pela sociedade.

Nesta perspectiva, vale destacar mais uma vez, a importância de discutir gênero, (entendido aqui na perspectiva de Scott (1995), como relações de poder entre homem e mulher), em sala de aula, pois é assim que a escola ajuda a desconstruir e desnaturalizar as desigualdades impostas pela sociedade aos gêneros, os comportamentos a qual a escola ensina propõe a manutenção destas disparidades, e isto foi constatado através das crianças quando eles(as) próprios(as) assumiram existir essa distinção dos gêneros sendo realizada por meio de brinquedos e brincadeiras.

Avançando com as indagações e reflexões dos(as) alunos(as), às 15h00min, foi levantada a seguinte questão: De acordo com o comportamento de Dona Fadinha e Seu Duende, quais os comportamentos que meninas e meninos devem manifestar na opinião de vocês? Uma aluna chamou a atenção ao dizer: “*As meninas tem que andar arrumadinhas*”, revelando nesta fala que esta aluna esta inserida num contexto de instrução normatizada do que é ser feminino, na qual ela está sendo orientada a demonstrar sua feminilidade com seus gestos e sua estética, práticas comum a sociedade tradicional que rege nossos valores.

Diante o relato acima, percebeu-se o quanto é importante a intervenção da escola e do professor na formação destas crianças, a partir da inserção das discussões de gênero em sala de aula. Sobre esse papel da escola no processo de formação dos discentes, Libâneo (1998, p. 45) menciona que: “A formação de atitudes e valores, perpassando as atividades de ensino, adquire, portanto, um peso substantivo na educação escolar, por que se a escola silencia valores, abre espaço para os valores dominantes no âmbito social”, em suma, restringir as discussões de gênero em sala de aula, é manter uma sociedade machista e sexista.

Nesta óptica, ressaltamos a relevância da compreensão e atendimento das Propostas Curriculares para a educação brasileira (Os PCNs e a BNCC), pois nos próprios PCNs (1997), em seus temas transversais (2000), á diversas lacunas, descritas no referencial teórico desta pesquisa, que podem fomentar o uso e explanação do cordel, embora não tenha propostas diretas, como em seu fascículo direcionado a Língua Portuguesa, na qual sugere o uso de variados textos como forma de apropriação cultural, cabendo citar o cordel como um destes textos como forma de abordagem cultural. A BNCC (2017) também trás em suas propostas, sugestões para o uso do cordel, como em uma de suas competências quando afirma que uma de suas metas e valorizar o material historicamente e culturalmente construído, uma vez que o cordel se destaca por ser uma obra do povo e para o povo.

Deste ponto de vista, é interessante frisar o que também nos aponta estas propostas a respeito do ensino de gênero, que desde os PCNs (1997), quando gênero e sexualidade ainda

não eram dissociados um do outro, e tratado como um caso de saúde, quando sua abordagem tinha como objetivo a prevenção da AIDS e a gravidez na adolescência, não se pode constatar nas propostas curriculares algo concreto que vise o ensino direto de gênero, isso pode ser observado com a retirada do texto que tratava de gênero da nova versão da BNCC (2017), deste modo, se há tantas falhas nestes documentos quando o assunto é gênero, não podemos colocar a culpa somente na escola, que não tem encontrado meios que ancorem esse ensino, esta é uma culpa que de fato, é compartilhada pelo Estado falho.

Obstante a isto, é válido destacar, o papel do professor no processo de formação da identidade da criança, como nos explica Gadotti, (2003, p. 3) “Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.” Dessa forma, vemos que o professor é determinante para a formação humana das crianças, sendo ele o intermediador de conhecimentos necessários a construção dos valores discentes, como neste caso, em que a mediadora da oficina ampliou os conhecimentos dos (as) alunos (as) levando até eles uma nova proposta (as oficinas) e discussões (de gênero) pertinentes a construção da sua identidade e dos seus valores.

Dessa forma, o papel mediador do professor tem um forte significado de assistência, ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, consoante ao que Vygotsky (1987, Apud MOYSÉS, 1994, p. 25) nos afirma:

[...] o que se aprende na escola é (ou deveria ser) hierarquicamente sistematizado e exige, para ser compreendido, que seja intencionalmente trabalhado num processo de interação professor/aluno. Mas insistimos: tal aprendizagem só irá ocorrer se quem ensina souber conduzir o processo na direção desejada, o que implica reconstrução do saber.

Em outras palavras, a aprendizagem está diretamente ligada à intencionalidade do professor, o que se deseja ensinar e o que os alunos devem aprender, tudo isso ligado a intenção de suas práticas. No caso analisado, o papel da mediadora da oficina, se deu em fazer com que as crianças fossem além daquilo que já haviam sido ensinados (Pensamentos machistas e sexistas), formando seus próprios conceitos através da reflexão e da interpretação dos cordéis.

Trilhando nosso percurso de análise desta oficina, ressaltamos o fato de que desde cedo, as meninas, já apresentam comportamentos que representam a normatização do corpo da mulher, o que pôde ser observado durante a roda de leitura de cordéis, quando uma menina sentada no chão olhou para sua colega e pediu para ela “fechar as pernas”. Este discurso foi ensinado a esta de criança como um modo correto de uma menina se comportar, porém sabemos que para transformarmos essa sociedade de véras machista, precisamos

orientar nossas crianças a respeitar todo e qualquer um, e que não é a mulher que precisa se proteger do homem, e sim, este quem a deve respeitar, como nos esclarece Cruz, Gomes, Rodrigues e Silva (2016, p. 07):

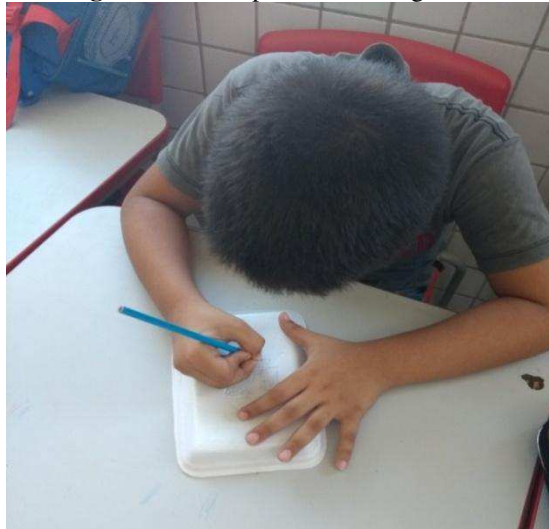
Desde muito cedo as meninas são bombardeadas para ter um comportamento construído como feminino. Há muita pressão para se enquadrarem nos padrões de beleza e assumir comportamentos “de mulher”. Que garota nunca ouviu um “feche as pernas”, um “fale baixo”, um “emagreça”? Até professoras e professores falam isso. Às vezes, se preocupam em ordenar como as garotas devem se vestir e se comportar para “não chamar a atenção dos garotos”. Mas deveriam é ensiná-los a respeitá-las, independente do comportamento, roupa ou corpo delas!

O fato de pedir para uma menina “Fechar as pernas”, não ocorreu só entre as crianças observadas, na hora do intervalo (15h 20min) foi possível ouvir a professora pedindo á mesma menina para “fechar as pernas”, revelando que este controle do corpo da mulher também está sendo reforçado pela professora, dificultando ainda mais o alcance dos objetivos desta atividade, que buscou a reassignificação dos conceitos de gênero por parte dos alunos, pois como disseminar uma ideia que pode ser facilmente desconstruída pela escola e pela família? Assim vimos a necessidade de uma brusca mudança na sociedade num todo, para podermos formar nossas crianças de modo que cultivem o respeito acima de toda diferença.

Dando continuidade as descrições e análises das atividades realizadas nesta oficina, após a leitura e discussões com base no cordel autoral, e depois da pausa para o intervalo, com o retorno dos (as) alunos (as) a sala de aula(15h40min), foi proposto as crianças a produção de isogravuras como forma de apropriação dos assuntos trabalhados na oficina, de imediato os (as) alunos (as) se mostraram curiosos, principalmente quando explicado do que se trata uma isogravura, como pode ser produzida e quais são os procedimentos para a sua realização.

Deste modo, foram entregues pela pesquisadora, bandejas de isopor (que vem do supermercado com frios ou frutas) e folha A4 aos (as) alunos (as), em seguida foram orientados a fazerem um desenho com o lapis na bandeja de isopor que representasse qual brincadeira ou brinquedos eles brincariam com Dona Fadinha e Seu Duende (Figura 2), todos ficaram empolgados e engajados na atividade, expondo a aplicabilidade de mais um fator oriundo da literatura de cordel, mostrando suas multiplas oportunidades.

Figura 2: Aluno produzindo isogravura



Fonte: Pontes (2019)

Desafiados, os(as) alunos(as) chamaram atenção ao desenharem que brincariam de casinha com Dona Fadinha e Seu Duende, como podemos observar na Figura 3, mesmos os meninos que no início da oficina mostraram pensamentos tipicamente machistas, nos mostrando que com o trabalho da leitura do cordel autoral, eles puderam pensar suas atitudes e com as reflexões enxergaram novas possibilidades de comportamentos.

Figura 3: Isogravura produzida pelos(as) Discentes



Fonte: Pontes (2019)

Encaminhando-se para o fim da oficina(16h30min), agradeceu-se a receptividade dos (as) discentes e da professora, a partilha de conhecimentos, o envolvimento de todos, e contribuição para a realização da pesquisa. As crianças, demonstraram estar satisfeitas com os resultados da oficina (as isogravuras), e algumas delas pediram para a pesquisadora voltar com mais cordéis. Ao fim desta atividade, destacamos o poder do cordel como intermediador das discussões de gênero, e com isso, esperamos que a professora da então turma passe a

trabalhar com este gênero literário tornando-o um novo e importante aliado da aprendizagem de seus discentes.

No próximo tópico, descrevemos e analisamos a realização da oficina no 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Coronel Joaquim Matos, ressaltando a sequência didática a qual seguimos e as reações/colaborações dos(as) alunos(as) durante esta atividade, atentando para seus desafios e resultados.

5.3 Pois muito bem, teve cordel no 5º ano e vamos analisar também

A proposta de oficina para 5º ano do Ensino Fundamental I ocorreu no dia 10 de Maio de 2019, na E.E.E.F Coronel Joaquim Matos de Cajazeiras – PB, numa sala com 19 alunos(as) matriculados e apenas 12 presentes neste dia, de faixa etária entre 10 e 12 anos. Aconteceu no turno vespertino, tendo como duração 4:00 horas/aula.

Inicialmente, às 13h 00min (Horário em que a aula se inicia), foi realizada a apresentação da mediadora e pesquisadora, assim como os objetivos da oficina. Os(as) alunos(as) se mostraram interessados e também surpresos ao se depararem com cordéis, pois somente uma aluna relatou conhecer a literatura de cordel, o que nos revela que a cultura popular local não tem sido explorada de forma que os(as) estudantes possam conhecer fragmentos desta cultura como parte de sua própria identidade, assim a escola parece não está oportunizando o trabalho com a cultura popular como forma de garantir uma educação, como defende Silva (2015), reflexiva, criativa e inovadora.

Seguindo esta lógica, foi constatado que era necessária uma introdução explicando as origens do cordel, sua composição e sua importância para a cultura nordestina (às 13h 30min), feito isso, se notou um interesse maior dos(as) alunos(as) a partir daí. Foi oferecido a eles(as) cordéis de variados temas (ficção e discussões de gênero) e autores para realizarem sua leitura e análise. Foram expostos cordéis do poeta Leandro Gomes de Barros²⁰, contendo histórias reais como na obra: Os sofrimentos de Alzira, e histórias imaginárias como: História de Juvenal e o Dragão (2015), como podemos observar em suas capas na Figura 4 a seguir.

²⁰ Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido em 19/11/1865, na Fazenda da Melancia, no Município de Pombal, é considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html Acesso em: 20 Maio 2019.

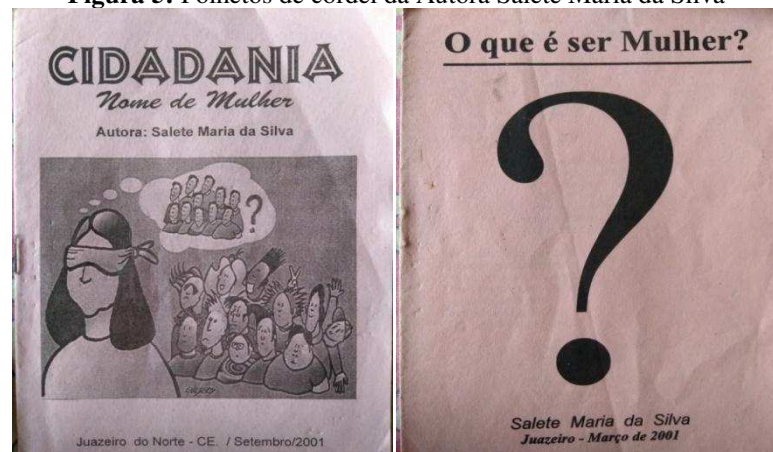
Figura 4: Folhetos de cordéis do autor Leandro Gomes de Barros



Fonte: Pontes (2019)

Para inserir os cordéis que discutem gênero, escolhemos uma metodologia em que estes foram apresentados juntamente com outros cordéis de temas de ficção, os cordéis que foram utilizados para discutir gênero foram da poetiza Salete Maria da Silva, que abordam a luta das mulheres por seus direitos e sua submissão ao homem imposta pela sociedade, as obras trabalhadas (Figura 5) foram: *Cidadania, Nome de Mulher* (2001) e *O que é ser Mulher?* (2001).

Figura 5: Folhetos de cordel da Autora Salete Maria da Silva



Fonte: Pontes (2019)

Às 14h 00min, os cordéis foram apresentados, e cada aluno (a) pôde escolher um cordel para ler, e nisto alguns deles (as) escolheram as obras da Salete Maria (*Cidadania, Nome de Mulher* e *O que é ser Mulher?*), e as reações foram visíveis, duas meninas escolheram estas obras e seu interesse foi notável, algo novo chamou a atenção e seu empenho em ler e compreender estes cordéis nos mostra que esta literatura possui componentes, seja na escrita, nas gravuras ou nos conteúdos, que despertam o interesse dos (as) alunos (as). Para um entendimento maior sobre isto, Carmo (2016, p. 48) nos explica que:

A utilização do Cordel como recurso interdisciplinar é uma proposta inovadora que incentiva reflexões didáticas e pedagógicas sobre os temas abordados nos folhetos e a maneira como estes são utilizados de forma positiva na construção do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para que o conhecimento se torne efetivo e possa ser relacionado com as particularidades regionais, aproximando os mais diferentes ramos da ciência dos saberes popular.

Podemos ressaltar então, a relevância do cordel no processo de alfabetização que no 5º ano já se encontra bem mais desenvolvido, possibilitando as crianças já lerem com certa fluência, embora nem todos na sala em que ocorreu a oficina conseguissem ler fluentemente, e interpretar os textos lidos, o cordel auxilia no incentivo a leitura, no reconhecimento de novas linguagens, e na interpretação de gêneros textuais. Isto vai de encontro ao que sugere a BNCC (2017, p. 69) quando afirma que os(as) alunos(as) precisam: “Refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se”, o que buscamos durante toda esta oficina.

Por conseguinte, as características que o cordel carrega, chama a atenção por retratar realidades muitas vezes vividas pelos(as) próprios(as) alunos(as), o que facilita na compreensão e reflexão de assuntos como as discussões de gênero que é tida como um desafio em sala de aula, como a própria professora da turma em estudo nos relatou em uma conversa informal na hora do intervalo (15h40min). Para a docente há constrangimento tanto para professoras como para alunos(as) ao tratarem deste assunto, deixando-o sempre em segundo plano, e segundo ela, trazer estas discussões através dos cordéis é uma forma “menos impactante” para os(as) alunos(as) lidarem com este assunto (gênero).

Em contrapartida ao que foi relatado pela professora, esta pesquisa mostra que o cordel é capaz de oportunizar diversas discussões em sala de aula, e de forma impactante, uma vez que utiliza instrumentos da própria cultura para proporcionar a reflexão da realidade, podendo ser considerada uma prática mais atrativa para inserir estes assuntos. No entanto, não pode ser considerada “menos impactante” pois também é imbuída de valores, importância e comprometimento com a aprendizagem.

Deste modo, vale citarmos as Propostas Curriculares Nacionais (Os PCNs e a BNCC), que em suas lacunas, nos oferecem subsídios para o uso do cordel em sala de aula, seja como apropriação cultural sugerido pelos PCNs (1997), ou seja como forma da preservação da cultura e o acesso as múltiplas linguagens, BNCC (2017). Estes documentos também tratam do ensino de gênero, mas de maneira melindrosa, deixando as escolas sem propostas sólidas para este ensino, o que pode justificar a preocupação da professora em abordar o ensino de

gênero de forma “menos impactante”, o que nos indica o medo da repressão das famílias tradicionais dos (as) estudantes.

Dando continuidade a sequência didática proporcionada a turma, destacamos as expressões dos(as) alunos(as) ao discutirem os cordéis lidos, em específico as obras: Cidadania, Nome de Mulher e O que é Ser Mulher? Pois notamos que a idéia de família tradicional influencia fortemente a formação dos(as) alunos(as) em ênfase, pois demonstraram dúvidas quando questionados por que a mulher deveria obedecer ao homem, e uma aluna em especial falou que: “*ninguém manda em ninguém, temos os mesmo direitos*”, e seu colega reagiu a seu comentário respondendo: “*quem manda é quem sustenta a casa*”.

Nesta perspectiva, pode-se averiguar que a ideia de família tradicional na qual o homem é a figura central, vem regendo a construção dos valores deste aluno em especial, o que fica provado na sua fala citada acima. Diante este fato, cabe a escola proporcionar a reflexão de seus pensamentos fazendo-o contestar sua realidade e enxergar o pensamento arcaico a qual está sendo submetido e reproduzindo. Por isto a necessidade de se discutir gênero na escola, como defende Louro (1999), pois esta prática rompe com a educação opressora e mantedora das relações desiguais entre homens e mulheres.

Prosseguindo com os objetivos desta oficina, com a leitura e reflexão dos cordéis e constatação dos problemas ligados aos preconceitos de gênero herdados da família e sociedade machista, iniciamos a intervenção de pensamento através da leitura do cordel do poeta Bráulio Bessa (às 14h 30min), intitulado por: Seja Gente (2017). Com esta leitura analisamos que algumas partes deste cordel chamaram a atenção e fez os (as) discentes refletirem seus pensamentos anteriores. Dos versos de Bessa (Rede Globo, Programa Encontro com Fátima Bernardes, 2017) que deram início a reflexão, destacamos:

[...]
 E talvez essa igualdade
 Essa tal pluralidade,
 Seja mais pura vontade de viver
 A liberdade de ser só o que se é
 De ser homem, de ser mulher
 De ser quem você quiser
 De ser alguém de verdade
 Seja trans, seja transparente
 Seja simplesmente gente.
 [...]

Avançando com as atividades, às 14h 40min, iniciamos a leitura do cordel autoral intitulado por: Seu respeitar (2019). Este cordel pareceu causar mais impacto que o primeiro, pois se trata de uma história com características bem próximas a realidade de muitos dos(as)

alunos(as) e suas reações foram imediatas a problemática levantada pelo cordel. Os versos que causaram impacto e discussões foram, Pontes (s/p):

[...]
 Rosinha estava uma casinha de bonecas a construir,
 E seu primo tinha que lhe ajudar
 Mas escondido de sua mãe, pois ela não ia permitir
 Pois para ela aquilo não era coisa pra menino brincar.

Só que o inesperado aconteceu
 Enquanto brincavam animados
 A mãe de Toinho Apareceu
 E levou os dois castigados
 [...]

A partir destes versos, levantamos a seguinte questão: Será que menino não pode brincar de boneca, existem brinquedos e brincadeiras específicos para meninos e meninas? As respostas foram as mais variadas, e dentre elas destacamos: “Eu não brinco de boneca porque não gosto” (Menino) e “*Eu brinco de tudo e isso não muda nada*” (Menina), “*Eu só brinco de futebol*” (Menino). Observando as respostas dos meninos percebemos o conceito de masculinidade sendo formado em negação ao feminino, como nos esclarece Cruz, Gomes, Rodrigues e Silva (2016, p. 08):

Se usou rosa, se chorou, se recusou ser violento, se não seguiu seu “instinto” natural de caçador de mulheres... Pronto, esse cara já não é mais “homem”, não é mais digno da masculinidade que impõe que meninos sejam “fortes”, “corajosos” e “machos”. Em nome dessa tal masculinidade eles escondem sentimentos, medos e dores, aprendem a “engolir o choro” e passar por cima de situações sem refletir, aprendem que ter força é poder agredir. A masculinidade se opõe ao que é considerado feminino, seja para ficar bem longe dele (“ser bem macho”) seja para dominá-lo (mandar na mulher). Quando meninas brincam de boneca estão aprendendo a cuidar de outro ser. Normalmente meninos não são estimulados a isso, o que vai ter reflexos em todos os seus relacionamentos, inclusive na maneira de enxergar a paternidade.

Como constatado, a manifestação de pensamentos expostas pelos (as) alunos (as), pode ocasionar em sérios problemas futuros, e a escola não pode mais negar a necessidade de discutir gênero em sala de aula, manter esta cultura é dar continuidade a uma educação omissa às questões de formação humana dos discentes, e o cordel vem como uma forte proposta para romper com esta educação, uma vez que até esse ponto da oficina já se pode constatar que esta literatura induz a reflexão e possibilita a compreensão de novos pensamentos, por usar uma linguagem próxima ao cotidiano dos discentes.

De acordo com Carmo (2016, p. 01): “O Cordel é considerado uma prática cultural e social que através da problematização das questões apresentadas em seus folhetos, pode

colaborar para a construção do conhecimento, fazendo com que o indivíduo posicione-se em relação à sociedade.” Foi o que de fato constatamos após a leitura dos seguintes versos do cordel autoral, Pontes (s/p):

[...]

Depois daquele dia ele só brincava sozinho
E tinha que ser de bila, peão ou baladeira,
Se pegasse numa boneca, tadinho!
Ia apanhar a noite inteira.

Toinho nunca entendeu aquela besteira,
E um dia quando ouviu sua mãe gritar,
E viu seu pai empurrando sua mãe contra a geladeira
Correu pra frente e começou a gritar:

Meu pai, você não pode a minha mãe machucar
Ele levou um grande tapa, mas não saiu da frente
E foi ali que ele viu o jeito errado do seu pai pensar
E decidiu que seria um homem diferente.

Depois de tudo que viu e viveu,
Virou um homem exemplar
As duras penas ele aprendeu
O que é respeitar e amar.

Casou, e com muito zelo seus filhos criou,
Vivia dizendo: Vocês podem brincar com o que quiser
Podem usar rosa, azul, amarelo, toda cor,
Nada disso vai definir quem você é.

E por tudo isso, de um apelido começaram a lhe chamar
Cabra simpático e conversador
Ficou conhecido como Seu Respeitar
Pois ensinou a muita gente que o que importa mesmo é amar.

E o seu respeitar tem um recado a nos dar:
Seja você menino ou menina, homem ou mulher
Aprendam a se respeitar
Pois o que você tem por dentro é que define quem você é.

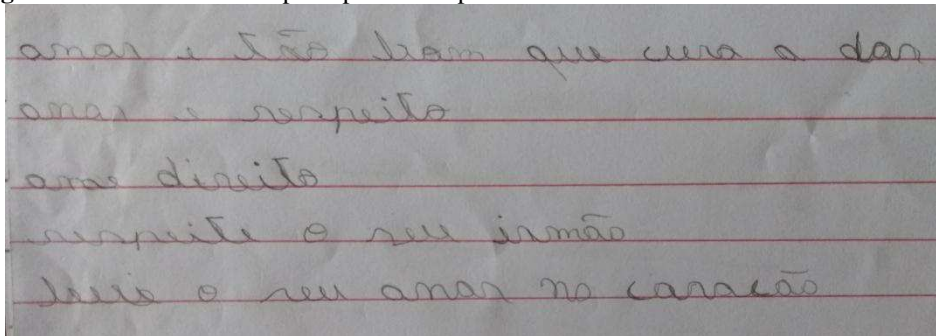
[...]

Após esses versos, observamos nas falas das crianças uma mudança de posicionamento com relação ao gênero, pois expuseram sua compreensão de forma pensada e coerente ao preconceito exposto no cordel, reagiram positivamente a decisão de “Toinho” em ser um homem diferente e relataram falas como: “O cordel nos ensina a respeitar um ao outro, principalmente a mulher!” (Menino), “*Seu Respeitar esta certo, a gente usa a cor que quiser*” (Menina), “O pai de “Toinho” *foi errado por bater no filho dele só por brincar de casinha, isso é preconceito!*” (Menino). A partir disso concluímos que os cordéis trabalhados causaram

impactos no pensamento dos(as) alunos(as) e isto fica comprovado na produção deles (as) próprios(as) em forma de cordel, como descreveremos a seguir.

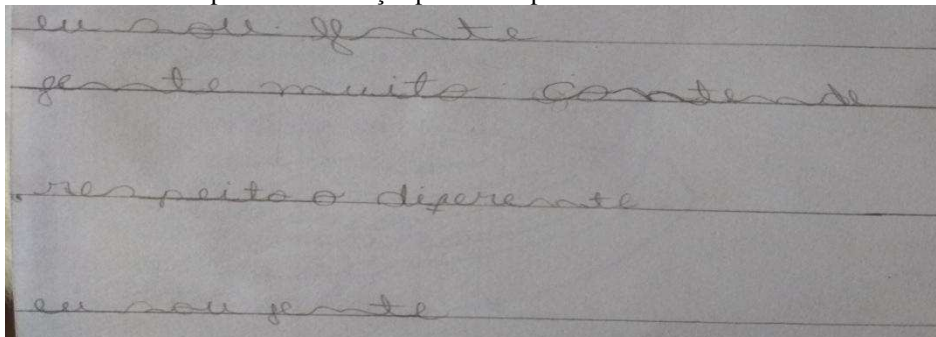
Com a realização da leitura e reflexão dos cordéis, e o retorno dos alunos do intervalo (16h00min), foi proposta a produção de cordéis dos(as) próprios(as) alunos(as), na qual verificamos certa dificuldade em expressar seu pensamento por parte de alguns deles(as). No entanto, houve produções de alunos(as) que demonstraram visivelmente a ressignificação de conceitos proporcionados pela utilização de cordéis em sala de aula, como podemos analisar na Figura 6 a seguir:

Figura 6: Cordel sobre o respeito produzido por um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental



Fonte: Pontes (2019)

Figura 7: Cordel sobre o respeito às diferenças produzido por um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental



Fonte: Pontes (2019)

Realizada as atividades da oficina, às 16h 40min, a pesquisadora agradeceu a participação das crianças, suas contribuições para a realização desta pesquisa, também agradeceu a receptividade da professora, e sua colaboração com a organização da sala. Os(as) Alunos(as) demonstraram satisfação com suas obras de cordéis, e também agradeceram a pesquisadora pelas atividades por ela oferecida. Deste modo, analisamos que esta oficina foi encerrada com as crianças claramente interessadas em aprender mais sobre a literatura de cordel, e com pensamentos desconstruídos e conceitos ressignificados a partir dos questionamentos feitos durante a oficina.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO QUE SE ENCERRA AQUI SURGIRÁ MUITO MAIS

A presente pesquisa buscou analisar como a literatura de cordel pode ser utilizada no ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental, investigando o ensino de gênero em uma escola estadual de Cajazeiras – PB; tentando compreender as potencialidades da literatura de cordel como recurso pedagógico, para assim apresentar uma proposta pedagógica, por meio das oficinas que aqui foram propostas e realizadas, inserindo a literatura de cordel como recurso didático potente de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Este estudo procurou em seus referências teóricas, respaldo a sua ideia inicial, a relevância do uso do cordel no ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e no decorrer do diálogo com os autores, notamos que simplesmente constatar a possível ausência do ensino de gênero e da valorização da cultura popular local, não iria satisfazer aos objetivos deste estudo, assim, pensamos na consumação de uma pesquisa-ação, na qual através dos encaminhamentos teóricos, poderíamos propor uma metodologia para propiciar o uso do cordel no ensino de gênero.

Desta forma, por meio da pesquisa-ação este estudo pôde responder a sua problemática (Como o cordel pode ser utilizado no ensino de gênero nos anos iniciais do Ensino Fundamental?), através da realização de oficinas em salas de 2º e 5º anos, nas quais pudemos constatar que o cordel se mostra mais atrativo a crianças que ainda estão sendo alfabetizadas, como as do 2º ano, pois como estão descobrindo a leitura, os cordéis trazem para eles um novo mundo, com uma nova linguagem e com histórias semelhantes com as situações de seu dia-a-dia.

Com base nas análises da oficina do 5º ano, reconhecemos que o cordel em si, não se mostrou tão atrativo aos(as) alunos(as), uma vez que estes já estão impregnados de uma cultura dominante, com alguns conceitos já formados, por isso apresentaram resistência ao reconhecimento da cultura popular como sendo sua identidade cultural, o que nos mostra que esta abordagem com a cultura popular deve ser inserida desde os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Com relação à relevância do uso do cordel no ensino de gênero, notamos que o 2º ano apresenta uma compreensão ensinada seja pelos pais ou pela escola, ou a sociedade em si, com características machistas e sexistas, deste modo, o uso do cordel como forma de refletir e repensar essa compreensão, se mostrou competente, pois fez com que as crianças

resignificassem seu ponto de vista e construíssem novos conceitos, como o fato de meninos e meninas poderem usar a cor que quiserem e brincar com o que escolherem.

Nesta perspectiva, vimos que na sala de 2º ano não há um estudo da cultura popular como meio da construção da identidade dos(as) alunos(as) não correspondendo aos PCNs (1997) e a BNCC (2017), explanados no referencial teórico, e que a professora expressa comportamentos que alimentam a normatização do corpo da menina, mais ainda sim, nota-se que a literatura de cordel e seus diversos instrumentos, como a isogravura utilizada, possui sim um valor formativo para estas crianças, podendo formar nos mais variados âmbitos, de maneira simples, inclusiva e humana, como foi constatado.

O 5º ano com a intervenção do uso do cordel na discussão de gênero, também se mostrou categórico, de modo que as crianças refletiram as indagações feitas a respeito do papel do homem e da mulher, e demonstraram pensamentos e comportamentos mais complexos e nítidos quanto á submissão da mulher ao homem, por exemplo, muitos discordaram desta idéia inicialmente, e com toda a discussão em sala, os pensamentos foram organizados de forma que mesmo os que expuseram algo machista, mudaram suas falas e conseqüentemente seus pensamentos.

Neste contexto, concluí-se que a oficina para o 5º contribuiu não só para a reflexão a respeito das concepções de gênero, mas também para a formação de uma nova perspectiva sobre o tema, mostrando que o cordel é uma alternativa para ir em contra partida com a educação sexista, como complementa Cruz, Gomes, Rodrigues e Silva (2016, p.06): “É necessário que a escola se repense, pelo seu próprio bem e para formar pessoas capazes de intervir na sociedade de forma justa e igualitária.” Contribuindo assim, para o surgimento de uma educação comprometida com a formação de cidadãos (as) respeitosos (as) e desprovidos (as) de preconceitos.

Assim, acentuamos que o cordel encanta por suas características, sejam elas de escrita, estética ou de ritmo, as histórias narradas em versos, às discussões da sociedade reveladas com leveza e ludicidade, são formas sem medo de ousar no termo: inovadoras, trazem para a educação algo do povo e para o povo, e não há conhecimento mais rico, se não aquele produzido pelo povo ao longo de sua história.

Cabe salientar que antes da realização desta investigação, a pesquisadora já possuía conhecimentos empíricos adquiridos durante sua experiência e contato com o cordel, como relatado na origem de estudo na introdução desta pesquisa. Estes conhecimentos a fez acreditar no valor formativo deste gênero literário, porém, assume-se que aliá-lo ao ensino de

gênero, de início foi algo desafiador, e no decorrer de toda a investigação foi-se acedendo cada vez mais nessa aliança, e por fim, afirmamos ter uma investigação na qual propomos e mostramos como utilizar o cordel no ensino de gênero, comprovando sua relevância para tanto, e conseqüentemente, fomentando de modo competente a formação da então pesquisadora.

A partir desta pesquisa, somente investigar o valor do cordel no ensino de gênero, tornou-se pequeno, por isto é válido destacar o desejo de expandi-la para outros campos de pesquisa, como a atuação de professores que utilizem o cordel como ferramenta pedagógica na região Nordeste, e de que maneira a utilizam, podendo ser esta uma temática a ser analisada durante um futuro mestrado, temática esta originada a partir dos ensejos surgidos durante a presente pesquisa.

Diante a culminância das oficinas, surgiram as seguintes questões: será o cordel, capaz de formar em outras questões, como sexualidade, relação família e escola? Estas oficinas também poderiam ser aplicadas aos professores? Sobre gênero, a qual tipo de educação estas crianças estão sendo submetidos no ambiente familiar? Estas questões surgiram no decorrer deste estudo e demandaria uma análise mais aprofundada para obter estas respostas, mostrando a expansão do campo de pesquisa a qual esta investigação nos trouxe, destacando assim sua importância para pesquisas futuras seguindo mesmo enfoque.

Deste modo, podemos concluir que esta pesquisa partiu de uma premissa pouco explorada, o cordel como método formativo, e com a realização e aplicação de sua proposta, conseguiu analisar uma possível metodologia que utiliza o cordel no ensino de gênero, as oficinas, mostrando que o cordel possui sim valor formativo e merece seu espaço em sala de aula, pois este trás consigo, valores culturais e informações fundamentais a formação humana dos (as) estudantes, pois o cordel ensina e seus versos formam.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Literatura de cordel, Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/historia-do-cordel/> acesso em: 23 Out. 2018.

ACOPIARA, Moreira de. Nos caminhos da educação. **Literatura popular em versos [Folheto de Cordel]**/ Moreira de Acopiara. s/e. São Paulo, 2003.

ALMEIDA, Stéfanie alcântara de. **Educação e gênero: abordagens e conceitos em três escolas de Ensino Fundamental da rede pública de educação na cidade de natal.** 2016, 21 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal-RN, 2016.

ALTMAN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Revista de Estudos Feministas, n. 9, 2. Semestre, 2001.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. **Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**, v.3, p. 67-100, 2004.

BESSA, Bráulio. **Seja Gente.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gb1hbX2s9Ho> Acesso em: 24 Mar. 2019.

BARROS, Miguel Pereira. **O masculino e o feminino na literatura de cordel publicada em São Paulo.** 2014, 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

BOCCATO, Vera Regina Casari. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BORGES, José Francisco. **A Moça que Dançou Depois de Morta [folheto de cordel]**/ José Francisco Borges. 1985, Bezerros: Do autor, 8 páginas.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: file:///H:/Pesquisa%20I/anexo_texto_bncce_reexportado.pdf acesso em: 22 jan 2019.

CARMO, Sheila Mayara Ribeiro do. **Literatura de Cordel: Uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal.** 2016, 165 f. Dissertação

(Mestrado em ciências da educação - inovação pedagógica) – Universidade da Madeira, Funchal, 2016.

CRUZ, Bianca. GOMES, Jheniffer. RODRIGUES, Thainá. SILVA, Aniely. Et.al. **Por que discutir gênero na escola.** Ação Educativa – Assessoria, pesquisa e Informação, São Paulo. 2016.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa.** 18 ed. Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de ler em três artigos que se complementam.** SP Cortez. 1988.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80 p.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação.** 1ª ed. Curitiba : IBPEX, 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade.** 14 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

IPHAN (Instituto de Patrimônio Cultural e Artístico Nacional), **Literatura de cordel reconhecida como patrimônio cultural imaterial brasileiro**, 19 de Setembro de 2018, às 12h02min. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil> Acesso em: 05 Dez. 2018.

SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto. **A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual base nacional comum curricular (bncc) e o movimento lgbttqis.** Revista de Gênero, Sexualidade e Direito e-ISSN: 2525-9849 | Salvador | v. 4 | n. 1 | p. 1 – 21 | Jan/Jun. 2018

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero In: MEYER, M. J. e WALDOW, D. E. **Gênero e Saúde.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade, gênero e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes et.al. **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACEDO, Elizabeth. **As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum.** Revista Educ. Soc. Campinas, v. 38, nº. 139, p.507-524, 2017.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo. Cortex. 2012.

MELO, Rosilene Alves de. **Do rapa ao registro**: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 72, p. 245-261, abr. 2019.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PETRY, Analídia Rodolpho. **Transexualidade e Heteronormatividade**: Algumas questões para a pesquisa. Textos e Contextos: Porto Alegre, v. 10, n. 1, 2011.

MOYSÉS, Lúcia Maria. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PARANÁ, **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da secretaria de estado da educação do paraná**. Versão Preliminar. Curitiba – PR. s/e, 2010. 70p.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas**: relato de uma experiência. Conjectura. v. 14, n. 2, maio/ago. 2009, p. 77-88.

PONTES, Layane Catarina. **Cordel a vista: A pesquisadora que um dia quis ser cordelista**/ Cordel autora. s/p, s/e. 2018.

PONTES, Layane Catarina. **Dona Fadinha e Seu Duende**/Cordel autoral. s/p, s/e. 2019.

PONTES, Layane Catarina. **Seu Respeitar**/Cordel Autoral. s/p, s/e. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Doralice Alves. **Mulheres Cordelistas**: Percepções do Universo Feminino na Literatura de Cordel. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RESOLUÇÃO Nº 466, De 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional da Saúde. Disponível em:<http://cfp.ufcg.edu.br/portal/images/conteudo/ComiteDeEticaEmPesquisa/ResolucaoCNS4662012.pdf> Acesso em: 14 Nov. 2018

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017

ROSALDO, Zimbalist e LAMPHER, Louise (orgs.). **A mulher, a sociedade, a cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCHMITZ, Lenir Luft. **Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história**. Revista Divisa. Revista da Fai Faculdade de Itapiranga. nº 4, v. 3, p. 77 – 82. 2006.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lampião, o Capitão do Cangaco**, disponível em: <http://www.ablc.com.br/lampiao-o-capitao-do-cangaco/> acesso em: 24 out. 2018.

SILVA, Salete Maria. **Cidadania nome de mulher**. [Folheto de cordel]/ Salete Maria Silva. Gráfica Líderes. 2001.

SILVA, Salete Maria. **O que é ser mulher?**[Folheto de cordel]/ Salete Maria Silva. s/n. 2001.

SILVA, Silvio Profirio. Literatura de cordel, **linguagem, cultura e ensino**: uma proposta para o trabalho com a leitura. Encontros de Vista, 5. ed. 2010. Disponível em: www.encontrosdevista.com.br. Acesso em: 07 ago. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVINO, Dariana Maria, HENRIQUE e GODIM, Tázia Renata Peixoto. **A importância da discussão de gênero nas escolas**: uma abordagem necessária. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. ed. 6. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUSA, Jesus Maria. **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural**. (PSI Revista de Psicologia Social e Institucional). Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesussousa/publica.htm>. Acesso em: 07 Ago. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero, **uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação & Realidade, vol. 20, nº 2, pag. 71-99, Porto alegre, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. 2. ed. Fortaleza: Tupynanquim Editora; Queima Bucha Editora, 2010.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Cordel autoral: Dona Fadinha e Seu Duende

Numa plantação de mandacaru,
Bem no meio do sertão,
Morava Dona Fadinha, perto de um pé de caju;
Seu vizinho era o seu Duende, um menino bom de coração.

Dona Fadinha vivia a sua casa enfeitar,
Era tudo rosa e cheio de flores de maracujá,
Seu Duende morria de rir daquilo lá
Não entendia pra que tanto rosa, em todo lugar.

Um dia, duas crianças foram brincar lá por perto,
Os dois curiosos foram bisbilhotar,
Seu duende muito esperto
Logo se escondeu pra olhar.

Dona Fadinha encucada, resolveu perguntar:
É certo menino brincar de casinha?
Seu Duende respondeu sem demorar:
E porque não seria Dona Fadinha?

A Dona Fadinha confusa, respondeu:
Pois no meu tempo não era assim
Seu Duende chega se tremeu
Não tem nada estranho para mim.

Quando as crianças foram embora
Seu Duende olhou o adiantar da hora
Foi para casa, e sem demora
Iria tirar uma soneca Agora.

Dona Fadinha pensativa, foi sua casa arrumar
Trocou de lugar o seu sofá
Pôs a roupa suja pra lavar
Mas algo na sua cabeça não estava a se encaixar.

No outro dia, descontraído
Seu Duende passou por lá
Um bom vizinho, um bom amigo
Resolveu na casa lhe ajudar.

Dona Fadinha negou sua ajuda sem pensar
O mandou a uma roça plantar
Pois cozinha não era seu lugar
Que lá foi onde sua mãe lhe ensinou a ficar.

Seu duende indignado

Falou tudo que estava entalado
E explicou que esse pensamento era errado
Mas falou calmamente, bem educado.

Dona Fadinha que coisa mais antiga
As coisas mudaram não se pensa mais assim
Tire isso de sua cabeça querida amiga
Os mesmos direitos que servem para você serve para mim.

No fim das contas, somos todos gente
Seja homem ou mulher
Menino, menina, o que der
É tudo gente apenas vivendo mundos diferente.

Eu posso brincar de casinha, o que quiser
Isso não vai me definir mulher,
Visto rosa, o que vier
Só você define quem você é.

Dona Fadinha ainda calada, no canto dela
De repente pareceu balbuciar
Acanhada, um pouco amarela
Começou a falar:

Seu Duende você tem toda razão,
Pensamento antigo esse meu
Acho que andei perdendo a noção
De quem eu sou, e de quem sou eu

Que sorte a minha de lhe ter como amigo
Vou aprender muito ainda com você
Pois no meu coração você tem abrigo
E nele irá permanecer

Que coisa mais linda Dona Fadinha
Que felicidade a minha lhe ter como amiga
E morar do lado de sua casinha
E de vez em quando encher minha barriga...

Desde aquele dia então
As cores da casa de Dona fadinha começaram a se misturar
Era rosa, azul, amarelo e preto no portão
Brincavam de tudo p aquelas bandas de lá.

PONTES (2019)

Apêndice 2 – Cordel autoral: Seu Respeitar

Hoje eu vou contar pra vocês.
A história de Seu Respeitar,
Escutem bem, só vou contar uma vez
Prestem atenção, pois essa história tem muito a ensinar.

Ainda pequeno, Toinho, menino danado e muito curioso
Estava no terreiro a brincar
Quando chegou sua prima, com olhar furioso
Pois ele tinha lhe prometido ajudar.

Rosinha estava uma casinha de bonecas a construir,
E seu primo tinha que lhe ajudar
Mas escondido de sua mãe, pois ela não ia permitir
Pois para ela aquilo não era coisa pra menino brincar.

Só que o inesperado aconteceu
Enquanto brincavam animados
A mãe de Toinho Apareceu
E levou os dois castigados.

Seu pai lhe deu uma surra de cipó
E Toinho sem conseguir entender nada
O tadinho apanhou sem dó,
E a bixinha de rosinha, coitada! Acabou apanhando na calçada.

Depois daquele dia ele só brincava sozinho
E tinha que ser de bila, peão ou baladeira,
Se pegasse numa boneca, tadinho!
Ia apanhar a noite inteira.

Toinho nunca entendeu aquela besteira,
E um dia quando ouviu sua mãe gritar,
E viu seu pai empurrando sua mãe contra a geladeira
Correu pra frente e começou a gritar:

Meu pai, você não pode a minha mãe machucar
Ele levou um grande tapa, mas não saiu da frente
E foi ali que ele viu o jeito errado do seu pai pensar
E decidiu que seria um homem diferente.

Depois de tudo que viu e viveu,
Virou um homem exemplar
As duras penas ele aprendeu
O que é respeitar e amar.

Casou, e com muito zelo seus filhos criou,
Vivia dizendo: Vocês podem brincar com o que quiser

Podem usar rosa, azul, amarelo, toda cor,
Nada disso vai definir quem você é.

E por tudo isso, de um apelido começaram a lhe chamar
Cabra simpático e conversador
Ficou conhecido como Seu Respeitar
Pois ensinou a muita gente que o que importa mesmo é amar.

E o seu respeitar tem um recado a nos dar:
Seja você menino ou menina, homem ou mulher
Aprendam a se respeitar
Pois o que você tem por dentro é que define quem você é.

PONTES (2019)

ANEXOS

Anexo 1 – Reportagem do IPHAN: Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro

Publicada em 19 de setembro de 2018, às 12h02



O gênero literário, que também é ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros, a [Literatura de Cordel](#), foi reconhecido pelo Conselho Consultivo como Patrimônio Cultural Brasileiro. A decisão foi tomada nesta quarta-feira, 19 de setembro, por unanimidade pelo colegiado que está reunido no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. A reunião também contou com a presença do Ministro da Cultura, Sérgio Sá Leitão, da presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Kátia Bogéa e do presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira. Poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folheteiros (como são conhecidos os vendedores de livros) já podem comemorar, pois agora a Literatura de Cordel é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste do país, o cordel hoje é disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações. Hoje, circula com maior intensidade na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo. Em todos estes estados é possível encontrar esta expressão cultural, que revela o

imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados.

Anexo 2 – Termo de Anuência



Eu, ELIANE NASCIMENTO HENRIQUE, Diretora da E.E.E.F CORONEL JOAQUIM MATOS, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “O uso do cordel no ensino das questões de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental: uma aliança possível”, nesta instituição, que será realizada no período de 10/05/2019 a 14/05/2019, tendo como pesquisador(a) responsável(a) o(a) Prof(a). Dr(a) Aparecida Carneiro Pires e orientando(a) Layane Catarina Pontes.

Cajazeiras – PB, 27 de Março de 2019

Eliane Nascimento Henrique

ELIANE NASCIMENTO HENRIQUE

Eliane N. Henrique
Aut. nº 269
GESTORA

CNPJ: 01.345.491/0001-75
Dec. nº 133 de 19/1070
E.E.E.F. CEL JOAQUIM MATOS
Rua Julio Marques do Nascimento, 975
CEP: 58.900-000
Cajazeiras-Paraiba